

O filósofo e o escritor em busca da compreensão de si. A potência da memória em Bergson e Graciliano Ramos

Débora Morato Pinto¹ e Ana Paula Ricci de Jesus²

Resumo: este artigo tem por objetivo mostrar como a narrativa de si coloca problemas para a compreensão de si, dada a insuficiência da linguagem para expressar a vida singular como duração. Analisamos nesse âmbito a ligação entre análise psicológica e ontologia na filosofia de Bergson, para sublinhar a potência da memória tal como a intuição da duração a sugere. Defendemos também que a literatura como expressão da interpenetração entre exterioridade e interioridade pode superar parte das dificuldades da linguagem na metafísica. A ligação profícua entre literatura e subjetividade constitui um caso privilegiado de imersão em si e compreensão do mundo por meio da profundidade da experiência consciente. A aproximação entre a ontologia bergsoniana e a literatura de Graciliano Ramos, em especial a obra *Infância*, é o fio condutor para alcançar tais objetivos.

Palavras-chave: ontologia; memória; subjetividade; literatura; experiência.

Abstract: this article aims to show how the narrative of the self faces difficulties for the understanding of oneself, because of the insufficiency of language to express the singular life as duration. We analyze for that the link between psychological analysis and ontology in Bergson's philosophy, to underline the power of memory as the intuition of duration suggests. We also defend that literature as an expression of the interpenetration between exteriority and interiority can overcome part of the difficulties of language in metaphysics. The fruitful connection between literature and subjectivity constitutes a privileged case of immersion in itself and understanding of the world through the depth of conscious experience. The approach between Bergsonian ontology and Graciliano Ramos' literature, especially the work *Infância*, is the way for achieving such goals.

Keywords: ontology; memory; subjectivity; literature; experience.

¹ Docente dos Programas de Pós-Graduação em Filosofia e Estudos de Literatura da UFSCar. Pesquisadora do CNPq. ORCID: 0000-0002-9895-6988. E-mail: deboramp@ufscar.br.

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da UFSCar. ORCID: 0000-0003-1845-7319. E-mail: ajesus@estudante.ufscar.com.

Introdução: narrativa e criação de si

Analista profundo das experiências de *escritas do eu*, George Gusdorf colocou em questão a forma narrativa de cunho autobiográfico. Um dos aspectos problematizados pelo autor está precisamente no fato de que a “narrativa da vida” não cabe num retrato do passado que o recapitula através da representação. A escrita já desempenharia um “papel de intervenção ativa” na interpretação de si por si, e estabeleceria desse modo uma distância considerável entre a narrativa e as vivências tal como se processaram. Ainda assim, o escritor de si, na tentativa de recontar a sua vida partindo da rememoração, veicularia “um instrumento de inteligibilidade do caminho de si para si”³. Mas esta inteligibilidade tem limites, ou antes, compreende-se o caminho de retorno a si distintamente segundo o papel atribuído à representação e à linguagem na apreensão do que sentimos e vivemos. Essa dificuldade não escapou a Gusdorf, que reforça o questionamento de Bergson sobre a proposta paradoxal de representar algo como que irrepresentável, ou para narrar com coerência o que propriamente constitui a história individual – nosso passado, ontologicamente distinto do presente. A escrita estaria, nesta perspectiva, fadada a uma espécie de fracasso, exigindo repensar seu papel na tentativa de conhecimento de si:

O devir temporal da consciência humana dá a entender a intervenção, sobre esses percursos de vida, das escritas do eu, que pretendem fixar a forma em um dado momento. O diário, tentativa sempre recomeçada, evoca o gradiente do tempo, cujas marcas fugazes ele inscreve, marcas desmentidas de uma hora para outra; tal é o empreendimento vão de quem, segundo as palavras de Montaigne, se esforçaria para ‘agarrar a água’⁴.

A escrita autobiográfica, parente próxima do diário íntimo, enfrenta nessa medida o que podemos circunscrever como o *dilema da rememoração*, esforço contínuo dos seres humanos para acessar seu passado e reviver os seus momentos, de modo a entender a sua história. Segundo as impressionantes análises desse esforço desenvolvidas por Bergson em sua obra, há uma dualidade inscrita na reconstrução do passado que impõe à reflexão filosófica desafios consideráveis. Pensamos que o diálogo com a literatura memorialística pode fazer avançar a compreensão das direções a um só tempo distintas e convergentes implicadas na

³ GUSDORF, G. *Auto-bio-graphie*. Paris : Odile Jacob, 1991, p. 393. As citações em francês foram todas traduzidas para conforto dos leitores.

⁴ GUSDORF, G. *Les écritures du moi. Lignes de vie 1*, Paris : Odile Jacob. Les Classiques des Sciences Sociales, CHICOUTIMI, QUÉBEC; <http://classiques.uqac.ca/>; p. 17-18.

atualização das lembranças. Atualização que está no núcleo da vida mental, como processo basilar no funcionamento da consciência. Por um lado, toda narrativa de si é representação, trabalho de conhecimento que busca trazer à consciência atual o conteúdo do nosso passado de modo que ele faça sentido à luz da forma como pensamos nossa identidade. Trata-se de um trabalho intelectual dirigido a um material carregado de sentimentos, desejos e imagens que atravessaram nossa vida. Não há como narrar e traduzir o passado vivido sem o trabalho da representação discursiva, que institui a vida humana em sua origem biológica e social. A narrativa de si solicita nesse âmbito o ato de reconhecer, no qual está assentado o conhecimento forjado na vida humana à luz do trabalho, das exigências sociais, da luta pela vida em sentido amplo, como conjunto de processos corporais e mentais no seu debate incessante com o mundo. Em outros termos, a narrativa seria uma das possibilidades de conhecimento estruturado na exteriorização da consciência como *inteligência*. A narrativa de si torna-se prerrogativa da percepção distinta de si, uma aplicação do esforço de representação ao conteúdo da história pessoal. Seu material empírico, é bom notar, são as vivências subjetivas cuja fonte originária é a percepção, de imediato um recorte da exterioridade permeado de afetos, o mundo sensorial instituído e modificado subjetivamente.

Mas a experiência humana transborda a atividade representativa, que configura, aliás, uma construção gradual e elaborada de percepções distintas, ideias e juízos pautados pela educação e pela sociedade. Nesse contexto, o esforço narrativo elabora um conteúdo tão difuso quanto essencial, cuja apreensão abre a possibilidade de uma experiência “contra pragmática” à espiritualidade humana, um tocar o passado parcialmente liberto das exigências vitais e sociais. Viver implica, em geral, adaptar-se ao meio, ou seja, canalizar as potências do corpo nos hábitos, visando ao equilíbrio – outro nome do *bom senso* – entre um puro sonhar e a impulsividade das ações de resposta imediata às solicitações do entorno. Isso indica que o passado vivido parece assumir uma forma de conservação que escapa à representação, impondo dificuldades à sua elaboração em linguagem. Para Bergson, com efeito, a autoridade da vida e da sociedade tem no aperfeiçoamento da linguagem, como ferramenta das ferramentas da inteligência, uma de suas mais fundamentais condições; a discursividade é prerrogativa da espécie humana e deriva de seu desenvolvimento propriamente evolutivo. Há, entretanto, uma variação no modo de uso da linguagem quando referida a qualquer processo não intencional, despojado de interesse *objetivo*. Ressaltemos assim uma primeira indicação sobre a narrativa: a busca de recontar a própria história é necessariamente um trabalho de modificação considerável dirigido às

nossas lembranças, ao passado enquanto tal, um esforço de enquadramento de uma totalidade dinâmica que define o processo em curso de nossa vida mesma. Tal esforço consiste em apreender a relação incessante entre o eu e sua vida, que exige tocar de perto, para então segui-lo, um processo, um mundo vivido em vias de se fazer, o próprio processo de criação do futuro como prolongamento do passado. Em outros termos, a autobiografia, a narração de si, o diário, distintas maneiras de expressar em coerência uma história pessoal, são intervenções “na formação do material plástico oferecido, no curso da memória, pelo ser temporal do homem”⁵, conteúdo em processo que supera a aparente individualidade como forma fixa sinalizada pelo corpo. A representação, ao tentar capturar a experiência vivida, a desnatura, porque necessariamente impõe a um fenômeno temporal uma moldura fixa, imaginando a vida mental sob a forma de composição de objetos materiais dispostos no espaço. Eis a caracterização do meio em que nossa “inteligência se sente em casa”, o campo de ação como conjunto de objetos delimitados, *partes extra partes*, sobre o qual agimos, à luz do qual se formam ideias ou conceitos “à imagem dos sólidos”⁶. Nesse contexto, Gusdorf sublinha, junto com o romantismo alemão, o papel fundamental de Bergson na denúncia da “falsificação do regime íntimo da vida”, em que a busca de rara coerência, exigindo uma espécie de esforço de si sobre si, contrasta com um domínio marcado pela “a impregnação mútua de sentimentos e pensamentos, formas fugazes, teatro de sombras”⁷.

Com tais palavras, são retomados sinteticamente aspectos centrais do que Bergson analisou exaustivamente em sua segunda obra, *Matéria e Memória*: a conservação do passado em si que entra em coalescência com o presente de uma vida que se faz. A teoria bergsoniana da memória pode ser descrita como tentativa de compreender em profundidade a elaboração mental ou psíquica, que implica o corpo, a percepção e os diversos planos de consciência dentre os quais o mais pessoal e profundo é o da *lembrança pura*. Ela trata como inseparáveis a psicologia, a ontologia, a teoria do conhecimento e a metafísica, esta última reconfigurada como teoria da vida *sub specie durationis*. O passado que se conserva “por si mesmo, automaticamente” nos segue em sua integralidade “a cada instante de nossa vida”, vida que se processa na

⁵ Ibid., p. 18.

⁶ Ideias fixadas segundo a imagem dos sólidos “fazendo de nossa lógica acima de tudo a lógica dos sólidos, e da geometria o triunfo da nossa inteligência”. A citação completa ainda reforça que “a história da evolução da vida nos mostra na faculdade de compreender um anexo da faculdade de agir”, abrindo o estudo da vida exatamente pela afirmação essencial sobre a destinação prática da inteligência, faculdade da espécie: “nossa inteligência, no sentido estrito do termo, é destinada a assegurar a inserção perfeita de nosso corpo no seu meio”. (BERGSON, H. *L'Évolution Créatrice*. Édition Critique sous la direction de F. Worms, Paris : PUF, 2007, p. V).

⁷ GUSDORF, G. *Les écritures du moi. Lignes de vie 1*, p. 18.

imanência ao mundo na qual se origina e sobre a qual se debruça tudo “o que sentimos, pensamos e quisemos desde a nossa primeira infância, pressionando a porta da consciência”⁸. Em outros termos, trata-se de pensar a vida temporal da consciência como dinâmica, estruturada pela ação eminente da memória – corporal, representativa, pura e retentiva. A vida é criação de si por si, isto é, constituição de uma história agindo no mundo. Nesse movimento, a base sensório-motora que é nosso corpo, ponta da vida mental, como que termina a todo instante⁹a duração de nossa vida, e o processo de atualização do passado apresenta-se como centro de irradiação da personalidade, pois nele e por ele a história se faz ação e criação em sentido concreto e pleno. E o problema da pessoa como criação de si por si torna-se o da relação entre consciência e inconsciente, ao qual Bergson confere uma formulação que implica cérebro, ação e conteúdo total de nossas vivências¹⁰. A ontologia da memória cujos princípios, modelados nos fatos, o filósofo da duração apresenta em sua segunda obra serve aqui, segundo nossa perspectiva, para problematizar e enriquecer a relação entre a literatura e a subjetividade.

1. Memória, ontologia e psicologia. A vida pessoal como movimento incessante entre o plano do sonho e o plano da ação.

O esforço próprio à intuição da duração parte da experiência consciente, buscando evitar desfigurá-la, isto é, depurando a análise teórica dos quadros intelectuais que só podem representá-la fora do tempo. Em outros termos, quadros que tomaram como espacial e eterna a *pessoa*, ou a *personalidade*, noção cuja importância, conforme mostrou Riquier, a despeito de aparecer difusamente no corpo da obra, afirma-se de pleno direito nos cursos e conferências de Bergson, na medida em que ali se dá nome e sobrenome ao que se desvela em filigrana a cada livro: “A personalidade não se diz

⁸ BERGSON, H. *L'Évolution Créatrice*, op. cit., p. 5. Trata-se da retomada das lições da intuição da duração para a teoria da vida, à qual o livro se dedica. O papel da teoria da memória na consideração da existência individual é o solo a partir do qual a metafísica bergsoniana atinge sua plenitude, a releitura da vida como evolução criadora. Interessa-nos aqui apenas seguir algumas dessas lições para pensarmos a relação entre memória e literatura, do ponto de vista filosófico.

⁹ A teoria explora a diferenciação ao limite entre duas formas da memória, a corporal e a mental, unidas em cada ato de uma vida. Nesse sentido, o corpo próprio como história de mecanismos motores conservados e articulados entre si serve de base à “verdadeira memória do passado”, ao mesmo tempo em que a insere “no plano movente da experiência” (BERGSON, H. *Matière et Mémoire*. Édition Critique sous la direction de F. Worms, 2008, Paris: PUF, p. 169).

¹⁰ A passagem paradigmática de *A Evolução Criadora* mobiliza noções que, hoje, são temas tanto da psicanálise, quanto das filosofias da mente, das ciências cognitivas e da psicologia de modo geral. Trata-se de pensar a vida singularizada num corpo, cuja coordenação central pertence ao “mecanismo cerebral” destinado a reprimir (*refouler*) a quase totalidade do inconsciente, segundo os critérios da ação. O sistema neurossensorial está assim na base da consciência, que a ele não se reduz, mas que dele não prescinde: ele *filtra* o passado, com vistas a produzir “um trabalho útil”.

em nenhum de seus livros, ainda que se desvele progressivamente em todos”¹¹. Isso significa, segundo o trajeto de sua filosofia, articular personalidade e vida, pessoa e universo, psicologia e ontologia, na refundação das bases metafísicas do pensamento a partir da consideração do tempo real. E é no bojo dessa articulação entre subjetividade, vida e mundo que as dimensões da personalidade são mobilizadas, pela retomada crítica e criativa de termos como caráter, inconsciente, história e, sobretudo, lembrança. Se encontramos no segundo livro uma potente ontologia da memória, ela depende integralmente da duração e da ligação intrínseca entre vida pessoal e vida em geral. Ao assim traçar seu itinerário, Bergson legou ao século XX um novo olhar sobre o corpo, o espírito e a história singular à luz dos processos de mobilização do passado, de atualização das lembranças cujo impacto ainda tem muito a ser explorado. O estudo da pessoa mostra, em seus desdobramentos, como “duração, memória e elã vital são unidos em nós”¹², dado que temos deles uma “experiência singular”:

O *eu* se encontra em cada passo e, pelo fato de não poder se isolar de nada, faz com que cada problema seja também o seu. Portanto, seria possível estabelecer que todos os problemas filosóficos que Bergson coloca a si mesmo em cada um de seus livros convergem para este problema supremo, que parece ser o centro em torno do qual toda a sua filosofia gravita¹³.

O problema do dualismo entre corpo e espírito é reposicionado, segundo essa perspectiva, no campo da vida singular em debate com o mundo. E enfrenta também, como todos os problemas recolocados por Bergson, o desafio de lidar com a linguagem ou com a discursividade racional que é, de direito, por sua gênese e sua função, inadequada à tarefa de dizer o real. O trajeto de *Matéria e Memória* assume uma dupla função: em primeiro lugar, encontrar os processos de base (à luz da sua função vital) do conhecimento como percepção distinta ou reconhecimento atento, cujo modelo privilegiado é a linguagem, ou seja, afala, a palavra e o sentido internamente implicados. E, não menos importante, explorar as presenças puras ou tendências, acessadas no estudo dos processos referidos, que formam o misto da experiência, abrindo o horizonte para a inversão da direção do pensamento que se exige para a metafísica, a apreensão do real em sua mobilidade e criação. Esse duplo horizonte

¹¹ RQUIER, C. “Bergson et le problème de la personnalité : la personne dans tous ses états”. In : *Les Études philosophiques*. 2007/2 n° 81, p. 195.

¹² *Ibid.*, p. 194.

¹³ *Ibid.*, p. 194.

traz consigo a perscrutação de potencialidades de uma relação original do eu consigo mesmo, da criação artística e da transformação da vida moral.

Nossa vida é nossa história. Ao dar novo significado a esta constatação um tanto banal, Bergson reelaborou a noção de existência como mudança incessante de um todo em construção. À luz da duração, existir significa propriamente *criar-se indefinidamente a si mesmo*, e a nossa experiência existencial permite que conheçamos esse movimento de dentro, em profundidade, como formação de um passado que se enriquece continuamente do presente e com ele avança num futuro em vias de se fazer. Em suas fases ou atuações, a memória e a vontade exercem continuamente o esforço de impelir o passado no presente: a vida se realiza individualmente por esse processo de convergência entre as lembranças conservadas integralmente e as ações em elaboração. Em outros termos, existir e durar se identificam na vida pessoal, na vida da alma, em que cada estado, “ao avançar na via do tempo, infla-se continuamente da duração que ele agrega”¹⁴. Não há estado de consciência delimitado, nossos estados são as zonas moventes que compreendem “tudo o que sentimos, pensamos, queremos, enfim, que somos em cada momento” e é com essa memória integral que nossa existência se processa. Tais considerações retomam a intuição central à filosofia de Bergson tal como se desdobra no estudo da interioridade da vida consciente na primeira obra. A nossa vida é como uma sinfonia, ou antes, uma melodia contínua, e o esforço propriamente intuitivo consiste em larga medida no retorno a si como acesso privilegiado à duração. Em outros termos, trata-se, na duração, de uma progressão análoga a uma frase melódica, cujo aspecto principal é a “totalidade em profundidade” que dá sentido às suas partes virtuais¹⁵. A relação entre o todo e suas fases é de ordem dinâmica, dado que a melodia muda com cada nota que lhe é acrescentada, mas não se desorganiza, mantém a articulação, o *modo de relação* que lhe dá sua qualidade específica, que a torna única, original, contínua e, enquanto continuidade, substancial. Mesmo quando se refere aos movimentos organizados no corpo, o filósofo retorna a essa imagem, à lembrança de uma melodia. A organização que consolida movimentos, elaborada por uma memória corporal, caracteriza-se pela pré-formação de movimentos futuros naqueles que estão se realizando, a qual “faz com que a parte contenha virtualmente o todo, como

¹⁴ BERGSON, H. *L'Évolution Créatrice*, op. cit. p. 2.

¹⁵ Na passagem canônica, o filósofo refere-se à forma assumida por nossos estados de consciência, mistura entre passividade e atividade – “nosso *eu se deixa viver*” – que descreve a duração pura, uma experiência especial ilustrada pela lembrança de uma melodia a partir da tentativa de não separar as suas notas, mas, ao contrário, ao acessarmos a integração entre o eu e seus estados “como ocorre quando lembramos, fundidas por assim dizer em conjunto, as notas de uma melodia” (BERGSON, H. *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*. São Paulo: EDIPRO, 2020). Nós as percebemos umas dentro das outras, como conjunto orgânico e solidário comparável “a um ser vivo”.

acontece quando cada nota de uma melodia aprendida permanece debruçada sobre a seguinte para vigiar a sua execução”¹⁶. Com a intuição da duração, nós nos encontramos com uma solidariedade que permite compreender a interioridade psicológica se fazendo como um *em si*.

Ao longo do percurso em que análises dedicadas à compreensão da personalidade individualizada – isto é, da vida consciente que nos singulariza a partir das direções gerais próprias à espécie humana – evidenciam a existência como transformação contínua e criação de si por si, elas nos trazem outra lição, de mesma importância. Para além da totalidade em vias de se fazer, dinâmica e aberta, que somos, é incontornável à manutenção da nossa vida o exercício da *atenção*, o processo mental por meio do qual recortamos o mundo, delineando campos cada vez mais amplos de ação. Campos de estabilidade compartilhados pela humanidade que configuram o meio social. Isso significa que nosso ser como *totalização aberta* se institui na relação vital e pragmática com o mundo, nas inúmeras ações dirigidas por esse exercício voltado à exterioridade, modo e meio de “estar e permanecer vivo”. Viver, em suma, implica reelaborar o passado com vistas à adaptação, por atos que direcionam o passado ao mundo segundo o circuito da atenção. A este processo Bergson denomina *reconhecer atentamente*. De sua origem pragmática, o reconhecimento atento passa ao exercício propriamente cognitivo, ele é a base do conhecimento perceptivo-intelectual, da articulação de representações, ideias e raciocínios. A generalização, a abstração e a atividade judicativa são desdobramentos da atenção à vida em conhecimentos objetivos, sistematizados e amplos. E tais processos redundam num distanciamento inevitável, por parte da consciência, da duração que somos. Na ação, no conhecimento racional e na elaboração do mundo social e cultural, nossa consciência se exterioriza e se afasta de si. A filosofia de Bergson poderia, aliás, ser descrita sinteticamente como o estudo minucioso da oscilação entre a duração e a extensão (tendência à espacialização) que marca a ambiguidade da existência – pessoal e geral. Assim, no que diz respeito à vida psicológica, foco de nossa análise aqui, a atenção como lei da vida prática recorta num fundo movente, de maneira artificial, estados definidos por meio de atos descontínuos. A vida exige esse artifício, a representação da descontinuidade no fundo ou na “massa fluida de nossa existência psicológica inteira cujo tecido ou estofa é o próprio tempo”¹⁷.

Um ponto capital dessa teorização diz respeito à gênese das lembranças e, portanto, da memória “por excelência”, sobre a qual o filósofo afirma ser diferente em

¹⁶ BERGSON, H. 2008, op. cit. p. 102.

¹⁷ BERGSON, H. 2007, op. cit., p. 3.

natureza da conservação do passado sob a forma de mecanismos motores. Eis uma das teses basilares do potente exame do passado realizado em *Matéria e Memória*: há uma distinção fundamental que, levada ao limite, alcança “duas memórias teoricamente independentes”, e a memória *verdadeira* “registraria sob a forma de imagens-lembranças todos os eventos da nossa vida cotidiana”¹⁸. Este registro do que passamos, com sua data e lugar, com seus afetos e intensidades, conforma uma totalidade em processo que incorpora a si os eventos que dão continuidade à vida, numa espécie de armazenamento natural. Não há como descrever tal conformação através do modelo das ideias ou representações como unidades isoláveis impressas no cérebro. Entretanto, o *fato elementar e ordinário*¹⁹ de que somos capazes de lembrar foi pouco considerado, em seu significado pleno, pela psicologia e pela filosofia; e isso se deu a despeito de carregar consigo indicações relevantes sobre o ser do passado e sua relação com o ser do mundo ao qual nosso corpo é imanente. Desconsiderou-se, via de regra, a fertilidade das indicações teóricas irradiadas da “memória que imagina”, a memória “por excelência”²⁰. Assim, a psicologia da memória é, antes de tudo, uma ontologia, que permite o tratamento metafísico do espírito e da matéria. Os dois capítulos centrais da segunda obra, neste contexto, nos oferecem a diferenciação nuclear a partir da qual espírito e matéria serão redefinidos e reaproximados. Frédéric Worms comentou em detalhe tal proposta ontológica sublinhando a recolocação do problema do dualismo como etapa fulcral, dada a *inversão metafísica* que determina a existência como “intensidade de conservação de si no tempo”²¹. A *dualidade* da memória incide sobre a separação entre matéria e espírito, agora tomada num terreno concreto em que se pergunta sobre a relação entre o cérebro e a consciência. O

¹⁸ BERGSON, H. 2008, op. cit., p. 86.

¹⁹ O fato, retomado e rearticulado ao longo da teoria da memória, pode ser descrito da seguinte maneira: nós nos lembramos de uma cena da infância, ela não se perdeu, ao mesmo tempo em que tal lembrança não é a própria cena de infância, mas a sua “representante atual” cujos laços com uma totalidade virtual se ressentem na própria rememoração. O “mistério” do dualismo tem nesse fato sua iluminação.

²⁰ É no bojo da descrição da memória verdadeira que surgem algumas das teses ontológicas mais conhecidas de Bergson. Entre elas, a da contemporaneidade entre a formação da lembrança e a percepção presente. Sobre isso ver: “Le souvenir du présent et la fausse reconnaissance”, in: BERGSON, H. *L'Énergie Spirituelle*, PUF: Paris, 2009, p. 129-132. Neste ensaio que desdobra consequências de *Matéria e Memória*, o filósofo detalha os argumentos em torno da afirmação de que “a formação da lembrança não é jamais posterior à da percepção, mas lhe é contemporânea” (p. 130). A relação entre atualidade e virtualidade é a chave dessa ontologia. A lembrança é formada ao mesmo tempo que a experiência perceptiva, ou seja, no momento vivido em que percebemos algo, com todos os seus detalhes e tons afetivos.

²¹ WORMS, F. *Bergson ou os dois sentidos da vida*. São Paulo: Unifesp, 2010, p. 163. Intensidade que é mínima no caso da matéria. A citação completa merece ser retomada: “é a duração mesma que assegura a unidade das duas memórias, e isso até englobar o corpo como um grau último! Por uma inversão metafísica que é a marca das grandes ontologias, longe de afirmar que o corpo e a matéria sejam aquilo que tem mais ser ou mais existência, Bergson considera que eles o têm menos, uma vez que a existência se define pela intensidade de conservação de si no tempo, sem a qual se desaparece irremediavelmente, e da qual o corpo e a matéria são o grau mínimo!”.

problema clássico e abstrato é desse modo estreitado, afunilando-se em pergunta concreta sobre duas formas de conservar e reproduzir o passado: “Mais que o espírito e o cérebro, essa dualidade opõe uma memória, *individual, subjetiva e global*, a uma memória *funcional, objetiva e local*, ou, ainda, opõe a constituição de uma história singular à aprendizagem de funções genéricas”²².

A análise bergsoniana busca, sobretudo, circunscrever ontologicamente as lembranças, o passado como conteúdo da vida mental que não pode ser identificado a uma percepção de intensidade mais fraca, conforme o saber se inclinava a considerar. É imprescindível ter no horizonte que a visada de Bergson é metafísica. Lembranças e memória – *conteúdo e função* que produzem o conhecimento como reconhecimento atento – dizem respeito à união, *na experiência*, entre duas realidades metafisicamente distintas, o espírito e a matéria, que confluem em nós. Parte da originalidade do trajeto reside precisamente em diferenciar presente e passado pelo critério da ação, fundado no corpo: o presente é o que está em vias de se fazer, as ações nascentes e efetivas que se dão na imanência de nosso corpo ao mundo, marcadas pelas sensações que nos impressionam. Na formulação precisa, nosso presente é sensório-motor, ele é “antes de tudo o estado de nosso corpo”²³. O passado, em contrapartida, é justamente o que não age mais, o inativo e assim imaterial, um estado virtual que envolve as nossas vivências conservadas. Não é possível pensar o virtual – a lembrança pura – por meio de uma distinção espacial, ele não é interior nem exterior, ele não se presta à categoria de lugar. Mais que isso, ele não pode ser compreendido como uma percepção menos intensa, mas sim como aquilo que, existindo sem agir diretamente, poderia misturar-se à ação, à percepção que lhe emprestará vitalidade temporária. Esse é o sentido da ressalva de Bergson, que não vem sem problemas, sobre a inatividade do inconsciente:

O passado de uma vida não age, mas poderia agir, e agirá ao inserir-se numa ação presente cuja vitalidade ele tomará emprestada. É verdade que, no momento em que a lembrança se atualiza ao agir, ela deixa de ser lembrança e torna a ser percepção²⁴.

A despeito da distinção em natureza entre *o que age sobre nós* em cada momento de nossa vida e as virtualidades de um *todo inativo* que também faz parte de nossa vida, esses dois planos limítrofes da vida mental confluem, convergem, se misturam em nós. É, portanto, nesse movimento de atualização do virtual que reside o âmago da

²² Ibid., p. 164.

²³ BERGSON, H. 2008, op. cit., p. 270

²⁴ Ibid., p. 270.

união entre o corpo e o espírito. A experiência psíquica é, em resumo, um movimento de vai e vem entre o virtual e o atual, a lembrança e a percepção, reconsiderados então como planos de consciência distintos em natureza. A investigação no campo da psicologia exige refletir sobre um plano da existência que não é mais meramente psicológico, que configura a dimensão pura do passado e cuja assimilação institui o alcance metafísico do exame da vida mental. Situados no plano na ação, nesse em que vivemos inexoravelmente, nos colocamos de saída, ao rememorar, no plano extremo das lembranças em si, no “estado virtual”. O pensamento, movimento contínuo entre os planos, parte desse estado e atravessa planos de consciência intermediários até materializar-se na percepção em vias de se fazer – o virtual alcança o atual e assume a forma de imagens por meio da ação do corpo. A intersecção entre os extremos da vida mental, corpo e espírito se quisermos, é compreendida em termos de tempo. Materialização significa atualização, corporeidade, que dá vida àquilo que do vivido se conservou sob a forma virtual, do estado virtual em que “consiste a lembrança pura”²⁵.

Enfatizemos essa vertente da teoria da memória: a presença e a função, na vida pessoal, da conservação de tudo o que vivemos, sentimos e pensamos – a lembrança pura também denominada o *inconsciente*. A vida humana individual se processa por meio de ações, partindo das sensações e saltando no passado enquanto tal com vistas a atualizar lembranças ao reavivá-las sob a forma de imagens. Há uma *ressurreição* ou *reativação* de parte do passado conservado e impotente, num movimento contínuo pelo qual ele atravessa planos de estreitamento até que seus momentos ou fragmentos de si – *faces* da memória total – possam encaixar-se nos esquemas organizados pelo corpo, centralizados pelo cérebro. Se do presente de nossa vida *saltamos* ao passado em todo ato de rememoração, a atualização das lembranças é um movimento contínuo por meio do qual elas tendem à impessoalidade, a assumir uma forma mais geral (e menos rica em detalhes, tons, colorações pessoais) que se enquadre nos esquemas sensório-motores. Para balizar as fases desse movimento contínuo, Bergson institui a diferença entre os termos “lembrança pura” e “lembrança-imagem”, esta última figurando o misto que

²⁵ Ibid., p. 269-270. Bergson resume aqui um momento do livro em que se examinam as relações entre a memória e o espírito e, considerando-se os argumentos que afastam A lembrança *estrito senso*, que “não interessa a nenhuma parte do corpo” (*Id.*, p. 154), deve ser definida em termos de tempo, e seu ser é o ser mesmo do passado. O corpo e a percepção do mundo que ele funda revelam-se assim como a ponta da vida mental, da história que somos. A história é assim, inserida “no plano movente da experiência” (*Id.*, p. 160), um “corte no devir universal”, lugar das trocas com o mundo na medida em que por ele passam os movimentos. O espírito como conteúdo inconsciente do passado puro, conservação em si do que vivemos, só pode estar no mundo, reviver, alcançando essa ponta móvel, mas ele é “a verdadeira memória que serve de base à memória quase instantânea do corpo”.

efetivamente surge à nossa consciência. Esse salto foi comentado com precisão por Deleuze, na medida em que ele indica o ato pelo qual nos instalamos no “passado como em um elemento próprio, ontológico, um passado eterno e desde sempre, condição para a ‘passagem’ de todo presente particular”²⁶.

O escopo das análises de *Matéria e Memória*, além de dirigir-se a um problema metafísico preciso, incide sobre o processo psicológico de reconhecimento segundo a posição da consciência voltada à vida, pautada pelo interesse e dirigida pela atenção. Os pressupostos mínimos dos quais parte a retomada do problema do dualismo em termos de imagens são o todo da matéria e a vida²⁷, isto é, o campo de imagens e a imagem viva que é o corpo. Segundo o original equacionamento do problema no célebre primeiro capítulo do livro, as relações entre, de um lado, memória e cérebro e, de outro, memória e espírito desenvolvem o conteúdo efetivo da nossa experiência, e são exploradas a partir do horizonte da vida, da constituição dos processos eminentemente vitais. Os seres vivos, nesse contexto, são *histórias pessoais* que se inserem a cada momento no mundo, totalidades de lembranças cujas pontas cortam o mundo material, formando as zonas moventes de ação do corpo. A vida mental, dirigindo-se ao futuro em vias de se criar, articula a consciência com o inconsciente, a ação com o passado inteiro e virtual. O inconsciente como totalidade das vivências conservadas é dito impotente, em contraposição à consciência que é ação real ou nascente. Mas isso não significa que ele está condenado à imobilidade ou à morte. É fato que, a partir do apelo da percepção, ele pressiona a ponta da vida mental, e essa pressão sobre a consciência evidencia a força do espírito, cujo conteúdo é capaz de ultrapassar o limiar do esquecimento. Nesse impulso, as recordações de luxo, material

²⁶ DELEUZE, G. *Bergsonismo*. São Paulo: Editora 34, 1999, p. 43. Certamente Deleuze, como é caso em todas as suas obras sobre os filósofos que aproximou numa mesma família teórica, torce aqui uma tese cuja vitalidade e relevância ele soube, mais que ninguém, apontar. É incontornável, quer se concorde ou se refute completamente essa leitura, retomar a problematização que vê na lembrança pura uma realidade “extra-psicológica”, um inconsciente ontológico que não se confunde com o movimento de atualização das lembranças, cuja atuação no presente permitiria aproximá-lo do inconsciente psicológico, e assim, freudiano – ao menos da noção de pré-consciente desenvolvida na concepção de aparelho psíquico. Ver sobre isso FREUD, S. *L’Inconscient*. École Lacanienne de Psychanalyse, 1992. Trad. E. Legroux; C. Toutin-Théliér; M. Viltard. Em especial, p. 16: “Ics, Cs e Pcs são sistemas psíquicos; à concepção dinâmica dos processos psíquicos que já diferenciava a psicanálise da psicologia descritiva, acrescenta-se agora a concepção tópica, que diferencia os processos ou atos segundo o sistema aos quais eles pertencem; a tópica diz respeito ao interior do sistema ao qual um ato psíquico pertence ou pelo qual passa”. Ver DELEUZE, op. cit., p. 42-46.

²⁷ Parte relevante das análises do livro evidencia que há duas totalidades em jogo na efetivação da vida. A circunscrição de um objeto material se dá num entorno ao qual ele pertence, e ideia subjetiva é formada à luz de um conjunto de lembranças que a incorporam e mesmo lhe dão sentido, enquanto representação da subjetividade, isto é, dessa história. Sobre a estrutura da obra segundo a abertura numa teoria do conhecimento fundada na ação e o miolo como teoria psicológica da memória ver WORMS, F. *L’Introduction à Matière et Mémoire de Bergson*, Paris: PUF, 1997, introdução. As variáveis do problema seriam delimitadas pela teoria da percepção pura, de âmbito transcendental, enquanto a resolução da equação seria a ontologia da memória, estudo propriamente empírico.

do inconsciente sem ligação com as situações configuradas num momento dado, podem atravessar a barreira da consciência, e assim serem revividas de algum modo.

A vida mental é caracterizada, portanto, como um processo em que nossa história mobiliza o corpo, esse *locus* da conexão entre o passado e o presente, entre o espírito e o mundo. A vida mental é uma explicitação da vida em sua ambiguidade fundamental, como *vida geral ou pragmática* e *vida pessoal e criadora*. Em termos fenomenológicos, estamos tratando aqui da implicação entre o corpo e o mundo, que envolve esquemas gerais e engajamento pessoal. Tudo parte e retorna à seleção que operamos no mundo segundo os interesses, o recorte no campo de imagens por meio da esquematização de ações possíveis que é a própria percepção. É de fundamental importância a imanência da percepção ao mundo, e o papel, atribuído ao processo perceptivo, de seleção de imagens. O significado mais amplo dessa constatação está, portanto, na identificação entre percepção, ação e consciência atual. Assim, é na vida em curso que a percepção se implica no meio natural, intersubjetivo e social²⁸ e recorta “extratos” que a memória interpreta, enriquecendo-os com a mistura de lembranças. Se é na ação que se opera a seleção, é por ela que a memória se baliza para movimentar-se em direção ao presente. Esse é o inconsciente psicológico, o processo de atualização que imprime nas ações a marca do passado. Ao mesmo tempo, o corpo e seus esquemas fornecem ao inconsciente a ocasião de manifestação: basta que ele incida sobre os mecanismos sensório-motores e reative a convergência entre o material sensorial, isto é, as sensações *que um dia as lembranças foram*. Sublinhamos que somente a reativação dos movimentos pode *reavivar* a memória, e a organização dos movimentos, o padrão motor, é o ponto de ajuste²⁹ que realiza a projeção de dentro para fora e a introjeção de fora para dentro (o objeto percebido). *A rememoração*³⁰ *é, portanto, um processo carregado de sensorialidade.*

²⁸ A vida humana é a de uma espécie, portanto, coletiva e social. Nesse sentido, essas dimensões do meio ou do mundo em que ela se processa são inseparáveis, indistintas. O movimento de criação da espécie humana atravessa o obstáculo da natureza física compondo com ela um ambiente intersubjetivo,

²⁹ Na imagem do cone invertido que ilustra o processo de reconhecimento, a base AB contém a totalidade de nossas lembranças, das experiências que foram preservadas; o vértice é a realidade atual do corpo em ação no mundo e a ideia geral, a representação se move entre estes dois extremos da vida psicológica entre os quais o movimento mental se repete em planos diferentes, ou seja, entre os quais “há espaço para mil e mil repetições de nossa vida psicológica” (ibid, p. 181), os cortes intermediários no cone. O eu normal, na atividade que exerce em sua representação do mundo, está sempre “situado” nas zonas intermediárias.

³⁰ O uso dos verbos e substantivos ligados à memória não é rígido em muitas teorizações, inclusive na filosofia de Bergson. Aqui, utilizamos “memória” preferencialmente para indicar a função e os planos de conservação do passado (memória corporal e memória verdadeira, a que registra e acumula tudo o que vivemos) e “lembrança” para referimo-nos às “quase partes” da memória, eventos conservados e oriundos em geral da representação. No caso de “rememoração”, estamos indicando todo processo de

Não é de pouca monta o fato de Bergson indicar o conjunto de nossa história conservada como dimensão da vida mental inconsciente, referida como *plano do sonho*. Haveria muito a dizer sobre a convergência dessa noção de inconsciente com as origens e os desdobramentos psicanalíticos do conceito³¹. Aqui, interessa-nos que a *rememoração*, voluntária ou involuntária, à diferença do *reconhecimento atento* que dirige ou funciona como vetor da projeção de lembranças em direção a um objeto, permite que o plano do sonho apresente suas faces à consciência e assim se inscreva na vida individual como dimensão parcialmente liberada do viés pragmático. Nossa hipótese é a de que o plano do sonho, o homem sonhador e a possibilidade de que o homem pragmático seja atravessado pela sua presença configuram a intensificação do que Bergson aponta em *A Evolução Criadora* como *criação de si por si* – ainda que ali o mero processo de amadurecimento seja identificado como “criar-se indefinidamente a si mesmo”³². Mais que isso, o acesso ao passado sem imposição ou tensionamento para as solicitações do mundo, isto é, sem a direção da atenção à vida, está na base de processos mentais ligados à arte e ao sonho – a fenômenos ou processos humanos que ultrapassam sua natureza ou seu comportamento enquanto espécie. Se o esforço intelectual está na base da cultura, ele se sobrepõe, constantemente, a uma camada da experiência em que o passado existe em latência e, por assim dizer, livremente. Eis a consequência que nos interessa explorar: latentes, as lembranças estão sempre carregadas da possibilidade de viver manifestamente. Para tanto, descoladas da atenção, elas se associam e se inserem em imagens percebidas segundo critérios que perfazem *outra lógica*.

Resulta desse conjunto de considerações sobre a ontologia bergsoniana uma constatação significativa no âmbito do dilema da rememoração que introduzimos na

acesso ao passado que não se realiza diretamente direcionado para um objeto, podendo ser a evocação voluntária de reminiscências ou a tomada de assalto que as lembranças são capazes de realizar ao surgirem involuntária ou caprichosamente. Com “reconhecimento”, indicamos exatamente o *re-conhecer*, como o *re-presentar*.

³¹ Considerando o papel do estudo do sonho e a intrincada análise do processo de atualização das lembranças em *Matière e Mémoire* e *L'Énergie Spirituelle*, justifica-se o crescimento atual de livros e artigos sobre as relações entre o passado bergsoniano e o inconsciente freudiano. Não é caso aqui de iniciar mais uma análise nesse bojo, certamente desejável, mas apenas ressaltar que a sexualidade e a repressão na teoria psicanalítica, ausentes na ontologia de Bergson (pelo menos em caráter explícito e como protagonistas), figuram uma linha divisória que já permite distinguir os planos em que se situam os dois projetos teóricos, a metafísica (com a ontologia que se institui com esse horizonte) e a psicologia (teórica e clínica) propriamente dita, enquanto análise dos processos inconscientes que condicionam a vida mental e respondem pelo sofrimento psíquico. O que se insinua é a comparação entre a ação da atenção sobre os conteúdos vividos e conservados integralmente (Bergson) e o acesso ao sonho mediado pela sua recuperação na vigília e, mais contundentemente, pela situação clínica (Freud). Ao comentar a necessidade imperativa de se estudar o sonho, Freud ressalta, por exemplo, a difícil tarefa de lidar com “o caráter fugidivo do sonho, a maneira pela qual o pensamento desperto o afasta como coisa estranha, mutila a sua lembrança” (FREUD, S. *Sur le rêve*. Trad. Cornélius Heim, Paris: Gallimard, 2014, p. 46).

³² *L'Évolution Créatrice*, op. cit., p. 7.

abertura deste texto. Para pensarmos a força e os limites de uma literatura memorialística ou autobiográfica, das narrativas de si – o que implica a escrita *autoficcional* – é necessário entender como o reconhecimento pode dialogar com o acesso ao passado superando o esforço intelectual específico que o modifica consideravelmente. Em outros termos, como o reconhecimento pode dialogar com a rememoração. Por esta razão foi necessário retomar parcialmente o centro nevrálgico da segunda obra de Bergson. A teoria da memória por ele elaborada nos parece ser uma *via real*³³ para pensar como o acesso não pragmático ao passado é possível, em que intensidades ele é possível, e em que medida o sonho e a imaginação podem amalgamar-se à reflexão atenta. Tais problemas nos parecem relevantes para os estudos literários e, certamente, eles são vitais à renovação da metafísica do tempo.

O trabalho do escritor de si figura a *necessidade de reviver o passado na rememoração*, inserindo-se no *aquém* da representação ou, ao menos, dado que “lembrar” é sempre devolver ao passado sua forma de lembrança-imagem (transformando-o em natureza), *instalar-se no movimento de atualização do virtual* em que a sensorialidade fugaz do vivido pode emergir. Eis uma de muitas vertentes da rica literatura de Graciliano Ramos, considerando-se que ela transita entre ficção e narrativa autobiográfica tanto em seu desdobramento em obras, quanto no interior de cada livro. O sentimento de pertencimento ao mundo está nele sempre associado ao estranhamento do mundo, associação que se expressa na articulação ímpar entre a “paisagem exterior e a paisagem interior”, objeto da arte que se pretende conectada à verdade, segundo o preciso comentário de Fernando Pessoa. Se todo estado de alma é como que uma paisagem, se a tristeza pode ser dita “um lago morto dentro de nós”³⁴, é na fusão ou interpenetração das paisagens que se inscreve nossa experiência – é na duração das paisagens, poderia dizer Bergson. Por isso, a literatura de Graciliano é filosófica, na exata medida em que se trata de uma escrita que nos oferece uma visão especial e fiel da realidade:

³³ Em outros termos, a teoria da memória seria a “estrada régia” da metafísica, mais do que a teoria da vida. Esta é uma questão talvez menor, mas se considerarmos que o impulso da vida só pode ser pensado como vontade e memória, desejo de avanço e criação a partir de uma totalidade de tendências em interpenetração, a relação entre passado e futuro pode assim ser considerada como fundo da própria compreensão da vida. Algo muito semelhante se dá com a vida onírica, na psicanálise (de onde tiramos a expressão): ao manifestar o conteúdo reprimido ou “psiquicamente suprimido que na vida de vigília teve sua expressão impedida”, ela é o fundo da compreensão do psiquismo, isto é, a “interpretação dos sonhos é a *via régia* para o conhecimento do inconsciente na vida psíquica” (FREUD, S. *A interpretação dos sonhos*. Trad. Paulo César de Souza, São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 662).

³⁴ Segundo a bela formulação: “Há em nós um espaço interior onde a matéria da nossa vida física se agita. Assim uma tristeza é um lago morto dentro de nós, uma alegria um dia de sol no nosso espírito” (PESSOA, F. *Cancioneiro. Nota Preliminar* (Obra poética, 1965.) São Paulo: Aguilar, 1965.

De maneira que a arte que queira representar bem a realidade terá de dar através duma representação simultânea da paisagem interior e da paisagem exterior. Resulta que terá de tentar dar uma intersecção de duas paisagens. Têm de ser duas paisagens, mas pode ser – não se querendo admitir que um estado de alma é uma paisagem – que se queira simplesmente interseccionar um estado de alma (puro e simples sentimento) com a paisagem exterior³⁵.

A interpenetração entre as paisagens é mote da literatura de Graciliano, que dela nos oferece uma das mais contundentes expressões. Ela surge com mais força na presença do devaneio e do retorno a si em personagens aparentemente modelados pela relação intensa com o meio, numa vida atravessada pela seca, pela conquista de território – unida ao caráter rude, ao exercício bruto e impiedoso do poder e às mazelas afetivas – pelo sofrimento e pelo sentimento de injustiça. A maestria dessa expressão sempre impressionou os estudiosos de sua obra, e encontramos em comentários distanciados no tempo o mesmo espanto com a exploração da potência da memória. Antonio Candido analisou a passagem da ficção à confissão em ensaios canônicos, ressaltando como seus livros dificultam a classificação nos quadros da teoria literária. Sublinhando a necessidade de evasão marcante em todos os personagens dos romances, aponta a possibilidade de que se trate mesmo de “um traço autobiográfico”³⁶, o que seria atestado especialmente por *Infância*, para ele o último romance de ficção do escritor:

sua fatura convém tanto à exposição da verdade quanto da vida imaginária; nele, as pessoas parecem personagens e o escritor se aproxima delas por meio da interpretação literária, situando-as como criações³⁷.

Do mesmo modo, Lessa define a proposta literária de Graciliano como um estilo próprio de dar voz a seus anseios, uma estética inovadora que, mobilizando a potência e as lacunas da rememoração, mistura a vida e o mundo em narradores-autores ficcionais que vivem “o aprisionamento do *déjà vu*, marcado pelo som de corujas piando ou sapos coaxando”³⁸. Tomando a memória como foco de uma análise original, a autora dedica-se a explorar o jogo entre reminiscência pessoal e caracterização dos personagens, mostrando como ficção e não ficção estão intrinsecamente vinculadas em todos os seus livros, que colocam a memória a serviço

³⁵ Ibid.

³⁶ CANDIDO, A. *Ficção e Confissão. Ensaios sobre Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Ouro Azul, 2012, p. 71.

³⁷ Ibid., p. 69.

³⁸ LESSA, C. *Graciliano Ramos: o desarranjo interior e a estética da memória*. Rio de Janeiro: Gramma, 2017, p. 14.

da literatura exatamente porque não distinguem com nitidez o ficcional do biográfico. Em especial, ressaltamos, na tese da proposição de uma estética da memória em Graciliano, as referências à *memória esfumada*³⁹, o assalto das imagens antigas sem forma nítida, mas carregadas de sensorialidade, *flashes* confusos e por vezes perturbadores. Eis o fundamental: as imagens dessa memória não são nítidas, mas são impressões intensas. Se o foco na atividade da memória permite explorar novos territórios na teoria literária, como é caso do flerte com a autoficção, ele é igualmente relevante para a reflexão filosófica que encontramos guiados por Bergson. Assim, de um lado, a escrita memorialística em que personagens são “movidos por algo que guardam dentro de si mesmos” nos ensina “o caráter essencial da literatura: ser constituída pelos resquícios de memória”⁴⁰; de outro, a *duração* em que interioridade e mundo estão amalgamados encontra nos personagens-autores, ou antes, nas narrativas do eu que perpassam a densidade dos livros, uma expressividade especial. O encontro entre filosofia e literatura tem na rememoração um ponto de ancoragem a partir do qual o tempo é efetivamente reencontrado.

Não é novidade comentar, em Graciliano Ramos, a relação peculiar entre a rememoração e a pintura dos quadros sociais em que seus personagens vivem, isto é, o esforço de acesso ao material do passado que se reapresenta fragmentado e tingido por tonalidades cuja mistura definem um eu de profundidade. Esse é um dos pontos essenciais do comentário clássico de Candido, colocando em questão o “realismo” por meio da ênfase no olhar do escritor que parte do registro dos acontecimentos e situações da vida, mas o ultrapassa, situando-se num para além por meio de sua técnica de aprofundamento descritivo, acompanhado da “força íntima” dos fatos que narra. Ao analisar a concisão de Graciliano e mostrar como seu silêncio retratava o essencial, Candido privilegiou como elemento dessa literatura a “fala seca” de uma vida árida, a que marcou o escritor e encontrou voz em seus personagens. Ressaltamos aqui como o “desajuste profundo” transformado em obra de arte solicitou a potência da rememoração, a coloração pessoal no próprio registro do mundo, e fez da sua obra um terreno para experimentação pessoal, dado que “seus livros são espécies de proposições de uma vida possível”⁴¹, refletindo, talvez, a busca pessoal do próprio autor, a tentativa de delinear formas de existência contestadoras e

³⁹ A inventividade e a profundidade de Graciliano aparecem nessa análise precisamente pela preocupação da autora em “estudar os diferentes modos de narrar pelo filtro da memória” (Ibid., p. 31), o que permite questionar, por exemplo, a caracterização de *Infância* como romance autobiográfico. A presença, nesta obra, da recorrência de lembranças nebulosas que assaltam o menino no processo em que ele tenta reconhecer o seu passado e assim reconhecer-se a si mesmo é o que chama a nossa atenção aqui.

⁴⁰ Ibid., p. 112.

⁴¹ Ibid., p. 73.

libertadoras. Nessa expressividade do seu desarranjo existencial, que toca o passado e o mobiliza numa tentativa de refletir sobre si, reside sua contribuição para pensarmos a dimensão ontológica da memória, isto é, o tema que recebe na filosofia bergsoniana uma elaboração teórica original, densa e vital. A análise de Candido enfatiza esse esforço de expressão de si como traço permanente da obra, o que ecoa em aspectos técnicos e no que podemos indicar como investigação, hesitante e profunda, da própria literatura⁴².

Infância, em específico, vai se situar entremeio ao caminho que parte de *Caetés* e chega à *Memórias do Cárcere*, com a passagem transformadora por *Angústia*⁴³: na obra a reflexão interior se inscreve em uma autobiografia com tom fictício, fundada em um “revestimento poético da realidade que despersonaliza dalgum modo o depoimento e o mergulha na fluidez da evocação”⁴⁴. Se a visita ao passado recupera algo que não se acessa ordinariamente, há muito o que dizer sobre o que parece ser recuperado. Na perspectiva de Bergson, o acesso às recordações da infância pode ser considerado como um intenso mergulho no plano do sonho. A atualização integral do conteúdo próprio a esse plano não é realizável, pois não podemos *sonhar a nossa existência*. Porém, nós podemos retomar como que pontos notáveis do plano, que trarão à consciência, pelo esforço de rememoração não direcionado pelo interesse, não canalizado por balizas pragmáticas, a *tonalidade de nossa vida*. Há lembranças em torno da qual outras gravitam, dada a força de sua origem, e elas funcionam como foco de irradiação da própria virtualidade que as caracteriza ontologicamente. Rememorar não é simplesmente reconhecer, mas imergir num todo de interpenetração e deixar-se nele viver em graus de intensidade variáveis. Nesse processo, as lembranças de cenas da infância desempenham um papel especial: elas carregam consigo a história que constitui nosso caráter num estado de plenitude de possibilidades ainda não descartadas, de virtualidades abertas que a maturidade tende a fechar.

⁴² Nessa chave de análise, a profundidade conferida à literatura e a inovação técnica se unem em Graciliano. Para Candido, o escritor já evidenciava o testemunho ainda no interior de suas obras ficcionais, e vai se aventurar no testemunho autobiográfico mais visivelmente em *Angústia*. Essa “marcha progressiva e irreversível” (Idem, p. 97) da ficção para a confissão alcançaria seu auge em *Memórias do Cárcere*.

⁴³ Tal como o próprio autor explica em uma entrevista realizada por Ernesto Maia em 1944 (MORAES, D. *O Velho Graça: uma biografia de Graciliano Ramos*. São Paulo: Boitempo, 2012., p. 355) ou, ainda, classificada por Antonio Candido como “autobiografia ficcional”, *Infância*, embora retrate as memórias do romancista, desenvolve sua narrativa através de uma ficcionalidade, repleta de singularidades e demarcações do real, que se misturam ao trabalho de elaboração de si do narrador-personagem e do seu esforço para retomar e expressar o conteúdo de suas vivências anteriores.

⁴⁴ CANDIDO, A., 2012, op. cit., p. 120.

Graciliano Ramos, nesse sentido, é o romancista que vira filósofo incessantemente, que integra a imaginação poética à reflexão, levando a cabo o combate entre o lembrar e o reconhecer, embate intrínseco à formação do eu. O vai e vem entre a lembrança desorganizada, nebulosa e sensorialmente intensa a um só tempo, e o reconhecimento reflexivo como interpretação de si e do mundo, movimento que atravessa um menino, é o centro da narrativa de *Infância*. Nesta obra, encontramos um caminho de compreensão sobre o retorno ao passado mais remoto e sobre seus impactos no desdobramento de nossa história. É notável como a tonalidade pessimista do escritor marca sua reminiscência ruminada, ainda que atravessada por raros rasgos de abertura ao encanto do mundo. As lembranças surgem e imediatamente o autor-personagem tenta situá-las, explicá-las, remanejá-las. Mas permanece no leitor a impressão das virtualidades ali presentes para uma vida, os restos que permanecem, ao longo do “caminho que percorremos através do tempo”, e que nos reconduzem a “tudo o que começamos a ser” ao que poderíamos ter sido, ter-nos tornado. A reminiscência de *Infância* parece mesmo tocar de leve a esperança, precisamente o que Bergson, pensador da alegria, entendeu ser a marca indelével da infância:

Cada um de nós, ao lançar um olhar retrospectivo sobre sua história, descobrirá que sua personalidade infantil, embora indivisível, reunia nela pessoas diversas que podiam permanecer unidas porque estavam em seu estado nascente: esta indecisão plena de promessas é inclusive um dos maiores encantos da infância⁴⁵.

A lembrança nos leva à condição de reviver a infância como momento de uma duração em que a abertura à vida e à criação, ainda que já atravessada por tonalidades específicas, é roçada de leve. No caso do menino Graça, é patente a mistura entre os deslumbramentos e os limites do meio, ilustrados não só pela natureza desafiadora, mas sobretudo pelas figuras de autoridade que, mesmo embaçadas, traduzem o medo, a rigidez, a falta de amor, a injustiça. O esforço do autor-personagem é o de experimentar essa mistura própria aos seus começos na vida de modo a revê-la no momento presente. A dúvida sobre a realidade das lembranças é manifestada recorrentemente: pessoas, objetos e lugares vão sendo retomados em suas aparições iniciais, imagens embaçadas, rumores, com rasgos de forte sensorialidade, cenas confusas, “fragmentos de pessoas”, “lugares imprecisos, pontos nebulosos, ilhas esboçando-se no universo vazio”⁴⁶. A narrativa se desdobra então numa espécie de monólogo entre dois planos de narração articulados no autor-

⁴⁵ BERGSON, H. *L'Évolution Créatrice*, op. cit., p. 101.

⁴⁶ RAMOS, G. *Infância*. Rio de Janeiro: MEDIAfashion, 2008, p.10.

personagem, em que as lembranças do menino servem de matéria à interpretação do adulto já localizado em sua aprendizagem, seu estar no mundo. A narrativa de si implica um *dar forma* às reminiscências, momentos do passado distante carregados de imagens indeterminadas, impressões marcantes e permeadas pelo espanto, pelo maravilhamento, pelo impulso ou desejo de conhecer. As lembranças são descritas como “sombras impenetráveis cortadas por vagos clarões”, como no caso da imagem da “toca profunda” cavada por homens, primeiramente observada como um buraco medonho, precipício apavorante, mas quase desvela num outro ponto notável do passado como o açude, então encantador:

O que então me pasmou foi o açude, maravilha, água infinita onde patos e marrecos nadavam. Surpreenderam-me essas criaturas capazes de viver no líquido. O mundo era complicado. O maior volume de água conhecido antes continha-se no bojo de um pote — e aquele enorme vaso metido no chão, coberto de folhas verdes, flores, aves que mergulhavam de cabeça para baixo, desarranjava-me a ciência. Com dificuldade, estabeleci relação entre o fenômeno singular e a cova fumacenta⁴⁷.

2. Do cone à pirâmide: a fabricação do sonho, a imaginação e a dança livre das “lembranças fantasmas”

*Quant au rêve lui-même, il n'est guère qu'une résurrection du passé...Mais c'est un passé que nous pouvons ne pas reconnaître*⁴⁸

A articulação entre lembranças e percepções define para Bergson o essencial da vida psicológica. A teoria da memória se aproxima gradualmente, até colocá-la em cena, de uma totalidade aparentemente passiva e certamente não objetivável, a *lembrança pura*, cuja expressão se encontra no nosso caráter e que caracteriza a *personalidade* das nossas ações e conhecimentos por um estilo de ser ou, mais propriamente, de agir. As formas de organização entre algo desse passado e o estado atual do corpo – meu presente, minha ação iminente no mundo – configuram os

⁴⁷ Ibid., p. 17. O autor-narrador menciona “solução de continuidade” e emprega vários termos da família da nebulosidade para referir-se às imagens mais antigas, que, entretanto, dão vazão ao aprendizado e são temas desse próprio processo de localização, situação, formatação das coisas, pessoas, sentimentos e valores. O açude é, como outras formas da paisagem em Graciliano, recorrente e revelador, poderia ser tema de um estudo inteiro. Retomamos apenas a consideração instigante de Lessa: “O açude, nos outros romances, é sempre mencionado como lugar da reflexão. Quando se inquietam, os personagens graciliânicos aproximam-se da barragem e se entregam aos processos de rememoração” (LESSA, C., op. cit., p. 114).

⁴⁸ BERGSON, H. *Le rêve*. In : *L'Énergie Spirituelle*. Édition Critique sous la direction de F. Worms, Paris : PUF, 2009, pp. 93-94.

estados e processos psicológicos: a percepção atenta, a formação e associação das ideias, o esforço de intelecção, a invenção. As análises têm no horizonte a vida, tema do livro seguinte que, não à toa, parte da retomada da duração segundo as principais conclusões das duas obras anteriores. Ali a criação é efetivamente introduzida. E é também no estudo da *evolução criadora* que um sentido mais profundo do reconhecimento atento emerge, justamente o papel da vida como vetor da atividade mental. Ao mesmo tempo, Bergson complementa a outra face do estudo da memória: o fato de que a atenção não esgota as possibilidades da vida mental, de que a experiência pode se processar segundo outros critérios de elaboração psíquica, até os extremos da desatenção, da distração, do sonho ou de experiências como a hipnose. A criação artística e a elaboração onírica, a primeira fundando-se sobretudo na imaginação e na sugestão, a segunda efetivada segundo uma lógica própria compartilhada pela atividade imaginativa, são os produtos dessa outra maneira de organização mental, que libera a humanidade do sentido pragmático que a natureza atribuiu ao funcionamento do espírito. A diversidade da vida mental é reconduzida à atualização do virtual, e a teoria da memória fundamenta tanto o bom senso e a inteligência quanto o desarranjo que toca a patologia, mas que igualmente libera a vida do sonho e a criação própria à arte.

A atenção à vida, importa notar, é base do funcionamento da inteligência. E isso implica a constituição e a estruturação progressiva da linguagem. É assim que a teoria da memória encontra seu ponto culminante na análise do ato de compreensão da linguagem falada, em que a desarticulação motora dos sons escutados, a instalação no passado como instância do sentido e o recobrimento do esquema motor pelas lembranças efetivam a atividade intelectual-discursiva por excelência. O ato de reconhecer, figurado no caso especial da compreensão da linguagem, dado que “uma língua é uma lembrança”⁴⁹, encontra na figura do cone invertido a imagem mediadora desse processo dinâmico, que é a própria explicitação da *vida* mental. A palavra pronunciada, nesse contexto, aproxima-se de um quadro motor no qual se projetam as representações que compartilham da mesma estrutura formal, esse *esquema* sendo a peça de encaixe entre os movimentos do corpo que escandem o som ou as impressões da audição e preparam o apelo ao material do passado. Bergson assim

⁴⁹ BERGSON, H. *Matière et Mémoire*, op. cit., p. 120. Retomamos aqui, em alguns pontos capitais, o movimento de texto cuja densidade e profundidade impactam o leitor do livro, justamente as hipóteses sobre a relação entre a memória e o corpo, que estruturam a teoria do reconhecimento atento e da interpretação. O esboço da teoria da linguagem nos é oferecido ali. A linguagem, ferramenta por excelência da inteligência, se forma e se desenvolve segundo processos de memória, a partir da massa sonora que nos alcança numa conversa, por exemplo, e que incita nosso próprio sistema vocal a uma articulação vital e pragmática entre mecanismos sensorio-motores fonoaudiológicos. Ver páginas 120 a 138.

delineia, na ontologia da experiência consciente, os processos mentais de base, a partir dos quais se estruturam as associações de ideias e a atividade racional. A formação da linguagem em sua concretude é o modelo dessa teorização inovadora e afinada com o horizonte científico do início do século XX. Ouvir, falar e entender consistem em ações práticas que mobilizam a percepção e as lembranças, o presente e o passado de nossa experiência, já que implicam “reconhecer o som e buscar o sentido, exercendo *várias potências sucessivas da memória*”⁵⁰. Trata-se então de descrever a experiência da compreensão da linguagem como um processo, “um progresso”⁵¹ em que, instalando-nos em um certo nível de consciência, vamos da ideia à lembrança-imagem auditiva e alcançamos uma “pré-compreensão”, a esquematização de movimentos nascentes na qual se inserem momentos ou “quase-partes” do nosso passado. Em suma, os processos de intelecção iniciam-se como relações bem ajustadas entre um passado inconsciente, pessoal e total, e um presente como ação do corpo imerso no mundo, o plano em que se desdobra incessantemente nossa experiência mesma. Minha consciência de *meu* corpo se reúne a dimensões mais profundas de minha história pessoal, e por esse movimento de convergência entre lembranças e percepções recorta, interpreta e constrói um mundo compartilhado, objetivo se quisermos.

Na vida dita “normal, banal, ordinária”, em que estamos em atenção constante ao mundo e aos outros, nós somos solicitados, a despeito de tomar consciência disso, a trabalhar de forma contínua e mesmo exaustiva. Para viver, conjuga-se uma série de esforços: o de orientação por parte do corpo; o de concentração para fazer as lembranças estreitarem-se o suficiente de modo a auxiliarem as ações (enriquecendo-as de informações) e o de impedir que o conteúdo do passado inútil ou mesmo nocivo para a ação em curso a invada. Mas, *eis o ponto desviante*, há também *a força da memória total* que empurra o corpo ou a consciência atual para fazer passar mais amplamente seu conteúdo, para inserir uma parte mais considerável de si mesma no presente. Ressaltamos nessa dialética entre o passado e o presente que, se os fundamentos da teoria da memória possuem o alcance de uma psicologia geral, explicando o funcionamento básico da vida mental segundo a atenção, ao mesmo tempo em que podem dar conta do que é disfuncional ou independente até certo limite das exigências da ação, isso ocorre precisamente pela notável capacidade de conferir às lembranças, à história pessoal conservada em variados graus de tensão e

⁵⁰ Ibid., p. 119, grifos nossos.

⁵¹ Ibid., p. 135. De forma muito condensada e consistente, Bergson centraliza o essencial das relações entre a memória e o cérebro na descrição do processo de interpretação, numa explicação concreta e verificável pelos dados das patologias mnêmicas, em particular das afasias

relaxamento, a importância decisiva que lhes é devida. O protagonismo na teoria é assumido por esse passado total em sua atualização parcial, a força que impulsiona as ações pessoais e define a sua tonalidade específica, ainda que a memória integral tenha que ser constantemente barrada.

Sem cessar inibida pela consciência prática e útil do momento presente, isto é, pelo equilíbrio sensório-motor de um sistema tensionado entre a percepção e a ação, essa memória espera simplesmente que uma *fissura* se instaure entre a impressão atual e o movimento concomitante para aí *fazer passar suas imagens*.⁵²

A fissura detectada é a porta que se abre a partir do delineamento da noção de inconsciente e da descrição da convergência entre o conteúdo espiritual de uma vida e a ação material de seu corpo, isto é, entre lembrança e percepção. Uma porta que dá acesso a *outros* processos de associação entre imagens, movimentos e espírito⁵³. Sonho, imaginação e criação artística podem ser analisados no contexto da ontologia da memória, e sua capacidade de tocar o real serve à metafísica bergsoniana, que recupera essa potencialidade na sua dimensão propriamente intuitiva. Cabe então desviarmos brevemente sobre essas distintas elaborações psíquicas.

Merleau-Ponty observa, no início de sua análise fenomenológica do corpo, que a memória voluntária pode ser considerada como um ato intelectual, que se projeta sobre uma camada mais profunda do passado. A referência para sua consideração é a obra de Proust e o sentido que a *Recherche* atribui à memória intelectual, que ao fim ao cabo se referiria a “um passado em ideia, cujos caracteres ou significação comunicável ela extrai”⁵⁴. Ocorre que a memória tem com condição de possibilidade, mesmo nesse exercício, uma ligação originária, intencional, do objeto que ela constrói com o horizonte do “passado vivido” e, por isso, como passado enquanto tal. O fenomenólogo alude, portanto, à possibilidade de penetrar nos horizontes do que foi vivido e assim reencontrar esse próprio passado por um esforço que “reabre o

⁵² Ibid., p. 103, grifos nossos.

⁵³ A reflexão de *Matéria e Memória* é bem fecunda para os debates que atravessam o século XX e XXI, dado que analisam fundamentos filosóficos dos processos mentais, normais e patológicos. Assim, das considerações sobre o inconsciente decorrem hipóteses testáveis a respeito das doenças da memória, bem como de seu funcionamento livre de constrangimentos exteriores. A coletânea *L'Énergie Spirituelle* surge nesse âmbito como precioso material para explicitar o alcance da teoria. Ali estão reunidos ensaios sobre o sonho, o fenômeno do falso reconhecimento e o esforço intelectual. Os ensaios exploram “a fecundidade própria à teoria geral de *Matéria e Memória*” (WORMS, F., 1997; op. cit., p.180), ao mesmo tempo em que, tomando em detalhe novos fenômenos, podem “corrigir certas interpretações muito rápidas” desse livro e do seguinte, justamente porque tratam tanto do esforço intelectual, quanto de processos desviantes da lógica da ação.

⁵⁴ MERLEAU-PONTY, M. *Phénoménologie de la Perception*. Paris: Gallimard, 2008, p. 115.

tempo”⁵⁵. Trata-se da diferença entre o passado *revivido* ou *rememorado*, e o passado *reconhecido*, que envolve o exercício intelectual aplicado sobre a história de si. Ela retoma a distinção bergsoniana entre a atualização das lembranças segundo a tensão da consciência e a sua ressurreição liberada dos critérios da ação. De um lado, o reconhecimento atento com ato basilar da inteligência, de outro, a rememoração caprichosa do sonho, do devaneio e da imaginação.

No fenômeno psicológico do sonho, de múltiplos significados, as sensações operam de maneira distinta da vigília, dado o estado do corpo, não mais de prontidão para a ação, e sim em repouso. A inércia do corpo é a *festa do espírito*. Os movimentos corporais são reduzidos em seu alcance e em sua organização. Portanto, o primeiro nível de evocação de lembranças, o esquema motor que reage aos objetos familiares e responde à atenção a vida, não está, por assim dizer, em operação completa. Isto projeta uma interessante consequência: a organização sensorio-motora, o corpo mesmo, não protagoniza as reações aos estímulos, e seu material sensorial é confuso: Bergson o compara, no caso da visão por exemplo, a uma “poeira visual que serve à fabricação do sonho”⁵⁶. Isto significa que, nessa fabricação, a situação diante da qual nosso corpo se prontifica a agir *quase* desaparece: os níveis de consciência dela mais distantes se movimentarão, inevitavelmente, sem leste ou bússola, sem o direcionamento que o ajuste do eu, por seu corpo em primeira instância, lhes impõe na vigília. Mais que isso, as imagens da memória total também não estarão condicionadas ao movimento de estreitamento de seu próprio conteúdo, de desnaturação, para que se tornem mais e mais impessoais a fim de poder reaparecer à mente desperta. É por este motivo que, junto às lembranças-imagens do reconhecimento, e como nova qualificação da lembrança pura, o filósofo põe em cena a noção de “lembrança fantasma”.

Mas as lembranças que minha memória assim guarda em suas profundezas mais escuras estão lá como *fantasmas invisíveis*. Talvez eles anseiem pela luz, mas não tentam remontar à claridade; sabem que é impossível, e que eu, como ser vivo e atuante, tenho mais o que fazer do que me ocupar delas⁵⁷

Vimos que as análises indicadas pela figura do cone invertido enfatizam a tentativa do passado de responder à solicitação ou ao “apelo” do presente segundo a tensão da consciência *atenta*, concentrada na situação atual que as lembranças

⁵⁵ *Id. Ibid.* É ainda digno de atenção o fato de que essa referência a Proust é feita em meio à análise do fenômeno *patológico, concreto* e impermeável às explicações, psicológicas e fisiológicas tomadas em separado, do membro fantasma. Ver toda a passagem p. 114-118.

⁵⁶ *Le Rêve*, op. cit., p. 87.

⁵⁷ *Ibid.*, p. 95.

projetadas virão iluminar e propriamente dar a conhecer. Ao longo do processo de reconhecimento, estrutura-se então um *todo solidário* entre as lembranças, pelo vetor da construção do futuro. Ao retomar essa relação produtiva e ativa do passado com o presente, e antes de reafirmar, no estudo do sonho, a principal tese ontológica de *Matéria e Memória* (a conservação total do que foi vivido), o filósofo alude ao movimento de convergência funcional entre lembranças e percepções usando outra imagem que figura tanto o vértice do corpo-no-mundo quanto o passado total, mas agora em posição invertida, nossas lembranças ocupando o subsolo da cena “iluminada pela consciência”. Bergson simplesmente retoma a sutil mudança de figuração, substituindo o cone: um momento qualquer de nossa vida pode então ser descrito como a implicação do passado no presente de forma solidária, nossas lembranças formando uma *pirâmide* cujo topo em movimento “coincide com nosso presente e penetra com ele no futuro”⁵⁸.

Na pirâmide, é o tesouro das lembranças no subsolo da consciência que ganha precedência. Em outros termos, a figura permite colocar a ênfase na livre existência das lembranças, porque sua impotência para agir *não significa inexistência*⁵⁹. Essa existência em modo especial condiciona a formação dos sonhos, pois o todo solidário deixa de se concentrar em seu vértice e passa a se rearticular de maneira distinta da atenção à vida. O sonho acessa o passado com a diferença fundamental de que nele há *minimização do papel da consciência ativa e agente*. Se há uma lógica dos sonhos, ela pode ser descrita como rememoração não direcionada de lembranças, em que a consciência dormente não tensiona a convergência entre o passado e o presente em termos de ação. Daí as condensações, a rapidez, o excesso de informações numa cena sonhada. As lembranças que formavam o “plano do sonho” em *Matéria e Memória*, sem evocação ordenada ou esforço da vontade, podem retomar seu movimento à maneira de uma dança, estranhamente qualificada pelo filósofo:

Então estas lembranças imóveis, sentindo que eu acabei de remover o obstáculo, levantei o alçapão que as mantinha no subsolo da

⁵⁸ *Ibid.*, p. 193. O cone invertido é apresentado no centro da teoria da memória para ilustrar o movimento de atualização das lembranças que, via corpo, se inserem ou se projetam no plano da experiência. Ao concluir a teoria através das considerações sobre a “destinação do corpo”. Bergson enuncia a noção de atenção à vida, condicionada pelas sensações e movimentos cuja coesão no “trabalho normal do espírito” é comparada a uma “pirâmide que se equilibraria sobre sua ponta”.

⁵⁹ A análise da lembrança pura como inconsciente, no coração de *Matéria e Memória*, está entre as páginas mais importantes para a metafísica bergsoniana. Elas mobilizam a noção de existência e argumentam em prol da distinção entre existir e agir, dando fundamentos à afirmação capital de que “a consciência é a marca característica do presente, do atualmente vivido, daquilo que age, ao passo que aquilo que não age poderá cessar de pertencer à consciência sem necessariamente deixar de existir” (*Matière et Mémoire*, op. cit., p. 156). A análise do inconsciente conduz o filósofo a tocar “no problema capital da existência”.

consciência, se põem em movimento. Elas se levantam, agitam-se, executam, na noite do inconsciente, *uma imensa dança macabra*⁶⁰

As lembranças fantasmáticas dançam e incidem na vida *semiconsiente*. Estamos tratando de um processo psicológico desinteressado, mesmo que “psicológico” signifique vital, referido essencialmente ao “funcionamento do espírito para a prática”⁶¹. O processo psicológico do sonho opera liberto da lógica própria à razão, nele as potências intelectuais estão afastadas, não há interesse e, assim, vontade, que dirige o salto no passado, sua movimentação. O eu do sonho que Bergson faz falar em seu ensaio é taxativo sobre o que, no final das contas, diferencia a construção da cena onírica do reconhecimento como processo mental essencial, isto é, dos processos da vigília ou do querer. Num diálogo imaginário magistral, o filósofo coloca seus dois *eus*(o da vigília, que *quer*, e o do sonho, *desinteressado*) em comunicação e nos apresenta a sua diferença de forma precisa:

Você está me perguntando o que faço quando sonho? Eu lhe direi o que você faz quando está acordado. Você me toma – eu, o eu dos sonhos, eu, a *totalidade de seu passado* – e me leva, de contração em contração, a me encerrar no círculo muito pequeno que você traça em torno de sua ação atual. Eis o que é a vigília, estar desperto: é viver uma vida psicológica normal, lutar, *querer*. Quanto ao sonho, você precisa que eu lhe explique isso? É o estado em que você se encontra naturalmente assim que se abandona a si mesmo, assim que desiste de concentrar-se em um único ponto, assim que deixa de querer⁶².

A vigília é a efetividade do querer que nos mantém em vida. Qualquer outra relação com o passado será, de algum modo, *desinteresse* e *desajuste*. Ora, se considerarmos que a metafísica exige atitude semelhante, particularmente o desinteresse para que a intuição se exerça, é evidente que os modos de acesso ao passado contêm muito mais metafísica do que de ordinário se notou, eis o que Bergson afirma a seus leitores. Essa lição reverbera de modo particularmente interessante em autores que estabelecem com o filósofo da duração uma filiação crítica e ambígua. Entendemos que as referências de Merleau-Ponty a Proust devem muito a essa filiação. Além da menção à memória voluntária já comentada aqui, sublinhamos uma passagem da *Fenomenologia da Percepção* em que a pirâmide faz

⁶⁰ *Le Rêve*, op. cit., p. 96.

⁶¹ Esse funcionamento é o que estuda a psicologia, e nele está o processo que pode transformar-se em metafísica, uma vez que ela se define como “esse mesmo espírito humano esforçando-se para liberar-se das condições da ação útil e retomar-se como pura energia criadora” (BERGSON, H. *Matière et Mémoire*, op. cit., p. 8).

⁶² *Le Rêve*, op. cit., p. 104, grifos nossos. É nesse diálogo que melhor visualizamos a conclusão de Bergson de que o sonho é “a vida mental inteira, menos o esforço de concentração”, isto é, sem a tensão necessária à “precisão do ajuste” na canalização do passado, por meio da qual ele é dirigido e aplicado à situação em que uma subjetividade avança em sua vida.

sua aparição. Sua relevância está na vinculação entre a noção de existência e a forma pela qual “assumimos o nosso passado”, que é com frequência negligenciada. A obsessão pelo pensamento objetivo não nos faz apenas perder contato com a camada da experiência em que o ser-no-mundo se dá na atualidade de uma vida. Ela também obscurece o fato essencial de que “nós estamos, como dizia Proust, *empoleirados sobre uma pirâmide de passado*”⁶³. Mesmo que o pensamento objetivo se fie na crença de que o passado se reduz a lembranças expressas, separando existência e passado em si, a análise do fenomenólogo reforça a tese bergsoniana: não haveria reconhecimento do passado, de seus traços lacunares, de sua aparição mental, de seu atravessamento em nossa vida a despeito de nós mesmos, se não tivéssemos sobre ele uma abertura direta. Isto significa “que tudo o que vivemos é e permanece perpetuamente para nós, *o velho toca a sua infância*”⁶⁴.

Em suma, há uma lógica própria ao sonho em que o *lençol subterrâneo* da nossa vida mental domina a cena. A identificação entre tal lógica e o funcionamento da imaginação é afirmada explicitamente nas análises sobre a comicidade na obra *O Riso*⁶⁵. Encontramos ali a aproximação do ato de imaginar a “um sonho socialmente compartilhado” no qual emerge uma camada de imagens latentes em nossa interioridade, subjacente às representações e aos juízos de ordem intelectual: “um lençol subterrâneo, certa continuidade fluida de imagens que entram umas nas outras”⁶⁶. É fundamental, portanto, a proximidade estabelecida, ao modo bergsoniano, entre a imaginação e o sonho, bem como a sua descrição como maneira especial de articular lembranças e percepções. Como ressalta Riquier, o livro persegue o *logos* da faculdade imaginativa, no caso concreto das transformações da fantasia cômica, expondo uma maneira peculiar de “contaminação” das imagens umas pelas outras que constitui o aporte vital e metafísico dessa faculdade de “*l’entre-deux*”⁶⁷. Se a imaginação e o sonho mobilizam as *mesmas* atividades mentais dadas nos planos de consciência, e em especial o puro inconsciente, eles o fazem com a pequena, mas essencial diferença do *grau de tensão* que no sono e no desinteresse é diluído. O relaxamento permite uma rearticulação entre a percepção, cuja sensorialidade é

⁶³ MERLEAU-PONTY, M. *Phénoménologie de la Perception*. Paris: Gallimard, 2008, p. 453.

⁶⁴ *Ibid.*, grifos nossos.

⁶⁵ Não se trata aqui de abordar as direções da estética bergsoniana. Ela implica considerações muito pertinentes à sua última obra, *As Duas Fontes da Moral e da Religião*, e dizem respeito ao estudo em profundidade da emoção. Cabe apenas mencionar que, em seus ensaios sobre o fenômeno do riso e sua função social, numa reflexão propriamente estética, encontramos detalhes sobre o funcionamento da faculdade de imaginar. Ver, em especial, o capítulo 3 de *O Riso. Ensaio sobre o significado do cômico*. São Paulo: EDIPRO, 2018.

⁶⁶ *O Riso, op. cit.*, p. 54

⁶⁷ RIQUIER, C. *Bergson et l'enfance de l'art. Le rire et la logique de l'imagination*. In : RIQUIER, C. (dir.). *Bergson*. Paris : Les Éditions du Cerf, 2012, p. 98.

desorganizada quando adormecemos, e as lembranças, que darão forma ao material sensorial, à “poeira psicológica” que movimentam a mente. Novamente o papel da memória é de protagonismo: com os sentidos menos abertos ao exterior, funcionando de maneira mais imprecisa, impressões negligenciadas na vigília podem retomar sua forma perceptiva, alucinatória em certa medida, tal como a própria percepção ordinária, mas sem ter que enfrentar a resistência da consciência. O sonho é então uma percepção atípica, feita de sensações informadas pela lembrança, mas ampliada em direções normalmente contidas pela autoridade da ação. Próximos da rememoração involuntária, o sonho e a imaginação são também solicitados por um apelo sensorial, mas a sensibilidade enquanto dormimos é a de um corpo como que fechado em si no qual os sentidos não operam segundo uma coordenação aperfeiçoada pela educação via hábitos. A fabricação do sonho, quando o eu *renuncia* ao esforço da vida normal, é o centro da explicação de relações outras com o passado, com essa entidade tão poderosa que é a lembrança. Relações livres e criadoras, que expressam uma verdade das lembranças a partir de sensações e imagens a um só tempo reais e difusas que lhes oferecem a chance de reviver, fugindo à prisão da vigília.

Mais que isso, o fenômeno do sonho e a tentativa de capturá-lo assim que despertamos ilustra a relação entre, de um lado, uma memória involuntária, não domesticada, remota, oculta ou parcialmente perdida e, de outro, a memória da atenção, a concentração que identifica, relaciona, dá sentido, interpreta. Relação que se concretiza incessantemente em nossa existência, cuja modulação dependerá de como a encaramos e a assumimos. Trata-se de um esforço bem especial, ao qual não podem fugir todos aqueles que desejam retomar a história de si. É o caso da *arte narrativa*, dos romances de memória, dos estilos que assumem a inseparabilidade entre a ficção e a história pessoal. São formas de imaginar que procuram a verdade de si. Se o inconsciente como lembrança pura é aproximado por Bergson de um lençol subterrâneo em nossa experiência, é impactante o que toma forma nesse fluxo de imagens no caso da narrativa de Graciliano: à necessidade de “abastecer imaginação no arsenal da memória”⁶⁸ corresponde uma intensificação da mistura da vida subjetiva ao material narrado como vida do e no mundo, a que comumente identificamos como objetiva e até mesmo “real”. Essa impregnação do eu de profundidade no ser socializado faz emergir os animais selvagens condensados sob a pele do homem em aparência adaptado⁶⁹, e o conflito entra em cena de modo contundente. A

⁶⁸ CANDIDO, A., 2012, *op. cit.*, p. 100.

⁶⁹ *Ibid.*, p.100.

engenhosidade do escritor alcança dimensões tão reveladoras precisamente porque aos seus bichos subterrâneos⁷⁰ estão diretamente ligados os bichos de superfície, que abundam em passagens de sua obra como espécies de extensões dos personagens. Lessa observa com sagacidade que “cada vez que um personagem de Graciliano Ramos escuta o som de um dos bichos, passado e presente se confundem”⁷¹: a unidade entre o eu e o mundo se ata nessa obra sem negligenciar nada da riqueza das duas paisagens, a interna e a externa. Daí a presença da sensibilidade, ou melhor, da sensorialidade nas descrições das reminiscências. Abre-se então a possibilidade de aproximar a literatura de Graciliano do impressionismo, dado que se trata de uma verdadeira experimentação em que a dimensão sensível aflora no próprio processo de recordação. Em *Infância*, a experiência sensitiva se apresenta no reviver do passado, dotada de uma capacidade de impressionar que o escritor formula na mobilização criadora da linguagem. Como bem ressalta Kronegger, as impressões intensas da literatura podem dar a ver uma experiência sensorial identificada a “um sentimento sintético e intuitivo de unidade com a realidade”⁷². Em outros termos, nessa obra, o foco nas imagens e momentos captados e transformados pelos sujeitos está na base das formulações sobre o processo de construção, revisitação e reatualização de uma memória. Cabe enfatizar que a percepção do tempo e o trabalho com o fluxo da memória são bastante explorados na *ficção impressionista*⁷³. Afinal, o processo memorialístico é permeado de ficção criada pelo próprio sujeito que, imerso no todo, parte imanente da realidade, vê o “real” e o apreende, aferindo valores e ênfases em determinados aspectos e ângulos, de acordo com a sua tonalidade afetiva.

Ora, é inevitável, dado que a origem e a função da linguagem dependem da potência da atualização de lembranças, como mencionamos brevemente acima, que a lógica do sonho e da imaginação solicite uma experimentação especial da discursividade para sua expressão. Se Bergson atendeu a tal solicitação misturando a filosofia com a arte do escritor, mobilizando imagens poéticas e flexibilizando os conceitos, a própria arte é reconhecida por ele como paradigma para a metafísica. O artista vê mais que o homem comum, toca em profundidade a intenção do movimento total próprio à vida e ao real, numa intuição estética que, a despeito de alcançar apenas o “individual”, serve de guia para uma “pesquisa orientada no mesmo sentido

⁷⁰ É o título do ensaio de Antonio Candido em que ele aproxima Graciliano de Dostoiévski nesse ponto preciso: a elaboração de protagonistas que “desenvolvem um modo de ser de animal perseguido” (ibid., p. 112).

⁷¹ LESSA, C., 2017, *op. cit.*, p. 116. A autora nomeia esse uso literário de “Efeito Coruja”, mostrando como a audição tem papel preponderante na evocação do passado nos personagens de Graciliano.

⁷² KRONEGGER, M. *Literary Impressionism*. Estados Unidos: College & University Press, 1973, p. 35.

⁷³ Conforme ARMSTRONG, N. “Character, Closure and Impressionism fiction”. *Criticism*, Detroit (Estados Unidos da América), v. 19, n. 4, 1997, p. 333.

que a arte, que tomaria como objeto a vida em geral”⁷⁴. Arte e filosofia se encontram numa confluência semelhante, ainda que diga respeito ao método da intuição em sua visão especial (e não aos fatos compilados que podem exibir seu sentido se tomados em sua materialidade bruta), à que Bergson projeta entre ciência e metafísica. Em outros termos, a arte e a reflexão sobre a arte pontuam a metafísica bergsoniana e incidem na sua retomada da relação com a verdade. A literatura de Graciliano cumpre, nessa medida, a tarefa da “arte verdadeira”⁷⁵, porque expressa a busca de si como trabalho com a memória e sobre a memória, mostrando-nos o real como interpenetração entre as profundezas da subjetividade e a imanência à exterioridade, vida interior e mundo exterior implicados na *pessoa*. Se, ao fim e ao cabo, Bergson procura o acesso *ao si*, Graciliano oferece uma facilitação dando conta do conhecimento *de si*. O escritor está situado, como ressalta Leopoldo e Silva, no plano da atividade criadora, descortinando um mundo que *é seu e é real*:

A arte, no que tem de atividade (produção), é recriação do movimento criador [...] Mesmo quando se referem aos estágios de elaboração subjetiva da obra, as considerações de Bergson sobre o estatuto da obra de arte e do artista não podem ser entendidas como uma psicologia do criador. O que está em causa é menos a análise da genialidade individual do que o fazer artístico como instância de revelação, ou de expressão da intuição”⁷⁶

A metafísica intuitiva como conhecimento absoluto demanda que o filósofo enfrente as difíceis relações entre a vida e a arte. A potência da imaginação, cuja lógica é a do sonho, depende da relação entre o eu e seu passado, da potência mesma de rememoração. Recolocar os problemas filosóficos em termos de tempo significa, a partir das lições de *Matéria e Memória*, aceder ao plano ontológico do passado e compreender sua origem e sua inserção no presente contínuo de uma vida. O ser imanente ao mundo é um ser de memória, e cabe ao conhecimento ampliado da filosofia, que encontra na literatura um veículo especial de expressão, lidar com o problema do reconhecimento e superar sua função restritiva em relação ao passado em si. As palavras por meios das quais Graciliano Ramos se refere ao seu próprio mundo, construído a partir das lembranças remotas, o homem maduro tocando a sua infância, expressam esse dilema da rememoração com elegância ímpar, sintetizando a relação entre o presente e o passado em sua densidade especial. As reminiscências

⁷⁴ BERGSON, H. *L'Évolution Créatrice*, 2007, op. cit., p. 178.

⁷⁵ Bergson assim se refere às obras de grandes mestres, comentando a pintura de Turner e Corot, homens aos quais remonta uma certa visão das coisas que se tornou ou que se tornará a visão de todos os homens” (BERGSON, H. *La pensée et le mouvant*, Édition Critique sous la direction de F. Worms, Paris: PUF, 2019, p. 150).

⁷⁶ LEOPOLDO E SILVA, F. *Bergson. Intuição e Discurso Filosófico*, São Paulo: Loyola, 1994, p. 324-325.

de menino se organizam precisamente através de um jogo entre dois narradores, o que viveu e sentiu e o que busca explicar e desdobrar reflexões a partir das vivências. Ele figura assim o processo de reconstituição do eu, que se movimenta entre o nebuloso e a iluminação fragmentada e organizada em representações:

Naquele tempo a escuridão se ia dissipando, vagarosa. Acordei, reuni pedaços de pessoas e de coisas, articulei tudo, criei meu pequeno mundo incongruente. Às vezes as peças se deslocavam – e surgiam estranhas mudanças. Os objetos se tornavam irreconhecíveis, e a humanidade, feita de indivíduos que não me atormentavam, perdia os característicos⁷⁷

O escritor sugere aquilo que o filósofo explica, em sua ontologia, instituindo um modo de relação entre a metafísica e a arte. O uso não pragmático da linguagem solicita que o corpo e o espírito entrem em nova consonância. As raízes da formação da linguagem na ação do corpo mostram como a sensibilidade se rearticula na arte. A literatura surge então como caso especialíssimo de uso da imaginação, para constituir-se como fonte de sugestões e possibilitar ao leitor o reencontro em si daquilo que o escritor pinta em sua criação com a linguagem. A filosofia de Bergson nos oferece um novo olhar sobre a imaginação artística, na medida em que a caracteriza como capacidade de *potencializar a força do passado*, num movimento muito próximo ao sonho.

Mas, voltemos ao campo da verdade na filosofia. Bergson buscou, em diversos planos, a duração interior como âmago do real. Desde o início até o final, suas obras revelam uma profundidade do eu que será reencontrada na vida, de certo modo na matéria e na sociedade – a duração. Para tanto, os esquemas da inteligência e as produções do conhecimento à luz da atenção também devem ser ultrapassados em alguma medida. Comentando a relação entre imagens, lembranças e duração, Rita Paiva defende que as imagens apresentam uma transitividade com a lembrança pura, com a virtualidade, e que certos planos de consciência apresentam imagens marcadas por uma *semivirtualidade*, distantes da ação. Questiona, nessa medida, se as “peculiaridades oníricas não findam por insinuar à consciência a amplitude e a natureza de sua própria interioridade”⁷⁸. A resposta afirmativa a este questionamento ilustra como a metafísica exige certa atitude reflexiva permeada pela superação dos quadros pragmáticos e intelectuais, o que configura propriamente uma dimensão

⁷⁷ RAMOS, G. *Infância*. Rio de Janeiro: MEDIAfashion, 2008, p. 17.

⁷⁸ PAIVA, R. *Subjetividade e Imagem. A literatura como horizonte da filosofia em Henri Bergson*. São Paulo: Associação Editorial Humanista/FAPESP, 2005, p. 218. A reflexão desenvolvida nesta obra busca dar conta da relação entre filosofia e literatura sob a perspectiva de Bergson. Ela consiste assim em fonte de inspiração e base fundamental para pensarmos a relação entre o filósofo da duração e as escritas de si, os romances memorialísticos e mesmo a autoficção.

essencial da intuição bergsoniana. Desse modo, a relação com a memória tem no filósofo Bergson e no escritor Graciliano um papel de revelação, de alcance de verdades do eu e do mundo. Estreitar a compreensão da ontologia do passado constitui-se, por conseguinte, como uma via indispensável e enriquecedora para penetrar essa nova metafísica. Eis uma dimensão crucial do estudo do passado à luz da investigação sobre “a imagem e a subjetividade”, a de que a memória involuntária poderia ser uma manifestação da consciência ontológica em detrimento da psicológica:

A presença das imagens desse tipo em nossa vida é a experiência que toca à ontologia. Haveria, no retorno de tais imagens ao que vivemos, uma coincidência entre o presente e o ser (o passado), entre o eu e a duração, o passado vigente nos subterrâneos do Eu. Há momentos em que, num determinado nível, o sujeito se confunde com a dimensão mais profunda da sua interioridade. As imagens geradas nesse plano da vida mental insinuam e nos desvelam, então, a duração interna”⁷⁹

Na arte, mesmo na vertente específica que depende do exercício da linguagem verbal, o homem pode aceder ao seu “sonho”, sua vida integralmente conservada como lembrança pura, num esforço de criação, de invenção (até mesmo intelectual). Mas ele pode também ser acessado ou tocado por seu sonho quando dorme, quando se deixa levar pela rememoração, quando é assaltado por uma lembrança involuntária e “caprichosa”. A sua vida ordinária revolve as lembranças segundo solicitações do mundo, mas essa vida pode mudar de sentido pela força de recuperação do passado e de sua conexão mais ampla e profunda com a vida que passa. A metafísica é, portanto, tributária da psicologia compreensiva e da ontologia do passado das quais apenas retomamos aqui alguns elementos. É digno de nota que, ao abrir o estudo da vida, a tese da conservação em si do passado seja reafirmada, de modo a ressaltar que o passado todo inteiro, tudo “o que sentimos, pensamos, quisemos *desde a nossa primeira infância* está aí, debruçado sobre o presente”⁸⁰. Além de pressionar a porta da consciência, nosso passado se expressa em nosso caráter, numa forma de determinação não linear ou necessária, que define a tonalidade de nosso ser no mundo. Partindo dessas lições, Bergson pensará a evolução vital como avanço de uma memória que cria.

⁷⁹ Ibid., p. 219. Sublinhamos aqui a contribuição essencial à delimitação da personalidade como instância central da metafísica, pois, se a personalidade é o fundo sobre o qual a filosofia da duração constrói sua elaboração do tempo, o sonho, a rememoração livre e a imaginação fariam manifestar-se imagens passadas que trazem à tona “as instâncias mais íntimas da nossa personalidade, as suas dimensões afetivas mais intensas que nos permitem vislumbrar uma unidade de nosso Eu antagônica com que amiúde o apreendemos. Ocorrências que só se verificam em raros e singulares momentos” (Ibid., p. 220).

⁸⁰ BERGSON, H. *L'Évolution Créatrice*, op. cit., p. 5.

Eis nosso ponto de chegada: o sonho revive lembranças do subsolo, fantasmáticas; a imaginação faz confluir imagens segundo pontos de atração variados e livres. Ambos revolvem a memória num plano expandido que somente pode ser compreendido como o das lembranças mais originárias de nossa história – as memórias de vivências infantis. No caso do *Riso*, pouca atenção se deu à ligação estabelecida entre o prazer provocado pelas técnicas de fabricação do cômico e os jogos da infância. No caso do sonho, a dança dos fantasmas remete ao passado mais remoto, e aqui Bergson seguramente encontra Freud. O “velho toca a sua infância”. Nessa verdade banal, estão as virtualidades filosóficas que Bergson buscou desdobrar.

3. A título de conclusão: ontologia e literatura

À medida que o poeta e o romancista nos falam, vemos surgirem matizes de emoção e pensamento que poderiam estar representadas em nós desde muito tempo, mas que permaneciam invisíveis: tal é a imagem fotográfica que ainda não foi imersa no banho onde ela se revelará. O poeta é esse revelador.⁸¹

A tentativa de acompanhar o processo de criação de si por si exige a inserção nas profundezas da memória, em sua difícil e delicada relação com um eu que se formou, se afunilou, se perdeu e se reencontrou na criação de si por si. Graciliano Ramos, nesse sentido, é o romancista que vira filósofo incessantemente, o memorialista que assume o embate entre o eu do sonho e o eu da vigília, explicitando a formação de si, da *pessoa*. A passagem da rememoração livre, desarticulada, porém sensorial, cujas impressões se confundem com a tonalidade própria da subjetividade singularizada num menino, numa criança, ao reconhecimento e à interpretação de si e do mundo configura, como vimos, o movimento narrativo de *Infância*. O escritor nos oferece ali uma via de acesso ao retorno ao passado fazendo emergir o significado e o peso da memória na vida.

A ontologia sustentada em *Matéria e Memória* ensina que a variação de nossas ações, num movimento pendular entre o confinamento ao puramente prático e o “deixar-se levar” pelo puro devaneio – a vida sonhada – depende da modulação da atenção que nos insere no mundo material e social. Assim, tomando a teoria da

⁸¹ BERGSON. H. *La pensée et le mouvant*, 2019, op. cit., p. 149-150.

personalidade em uma de suas lições mais importantes, a relação que temos com nossa própria subjetividade está também submetida a uma oscilação entre a rememoração livre e o reconhecimento atento. Ocorre que a rememoração não direcionada pode recuperar lembranças especiais, pontos notáveis em que a apropriação do mundo na percepção é marcada por uma sensorialidade e uma unidade, uma relação de ser no mundo em que ele ainda não se tornou propriamente um objeto diante de um sujeito. Esse passado revivido solicita uma forma de expressão preferencialmente liberada das amarras da representação intelectual. É assim a literatura, mais que isso, a poesia, seu veículo natural, dado que se trata de reviver o passado e não de retomá-lo em ideia. A literatura tem para Bergson, como toda forma de atividade estética, a capacidade de expressar fenômenos que superam, ou ao menos atenuam, dificuldades intrínsecas à linguagem conceitual. Os escritores nos ajudam, por suas imagens e seu uso não pragmático da expressão linguística, na árdua tarefa de reencontrar a temporalidade na compreensão da existência.

Nesse âmbito, os romances memorialísticos, autobiográficos e autoficcionais têm muito a oferecer para a reflexão filosófica. Ainda que ele não tenha dedicado mais que algumas linhas à literatura, constituindo-se ele próprio como, em certa medida, escritor, podemos levar adiante essa virtualidade certamente implicada em suas análises da memória e da vida. Em especial, uma obra como a de Graciliano pode ser tomada como outro fio de condução à ontologia, ao menos pelo que ela sugere. No caso, da tese bergsoniana de que nossa vida pessoal configura um fundo irrepresentável formado por nosso passado inteiro que se conserva em si e se expressa como totalidade sob a forma de *tendência*, naquilo que se denomina nosso caráter. Trata-se então de pensar como nossa vida é o movimento de atualização parcial dessa totalidade que somos, nossa história, em ações, ideias, trabalho e relações interpessoais ou sociais, que implica um vai e vem entre o mental e o cerebral, entre a história pessoal, o corpo atual e o mundo em que nossa subjetividade se insere, atua e modifica, criando-se a si mesma e recriando-o no mesmo golpe.

Dada a ambiguidade intrínseca à linguagem em sua relação com a verdade, entendemos por que a criação de si por si pode chocar-se com a narrativa de si – incorporação, via de regra, da narrativa do outro. Como a literatura pode reverter essa tendência, de resto imanente à linguagem, e promover um mínimo retorno a si, uma recuperação, parcial e fugaz, do movimento mesmo da nossa história em construção? Não tivemos a intenção aqui de esboçar uma interpretação sobre o papel da memória na obra de Ramos. Nosso interesse foi apenas fazer o escritor falar como filósofo, numa obra específica, misto de autobiografia e ficção, em que o próprio conflito entre o

livre movimento das lembranças e a reflexão sobre o passado revela traços da ontologia da memória de maneira iluminadora. Em linhas gerais, se considerarmos a obra de Ramos em seu flerte com a autoficção, ou ao menos como uma inquietação que põe em questão a dimensão autobiográfica da sua própria narrativa, podemos ver em ato essa dupla dimensão da relação com o tempo. A linguagem, por sua natureza própria, oculta e deturpa a duração. Mas o romancista, assim como poeta, pode abrir o acesso ao fundo ontológico subjetivo, através de seu trabalho que coloca a linguagem contra si mesma. À generalização dos modos de sentir que a designação por palavras realiza, dado que ela fixa o aspecto objetivo e impessoal dos estados como o “do amor, do ódio, e de mil sentimentos que agitam a alma”, há o remédio da literatura:

Avaliamos o talento de um romancista pelo poder com que ele retira do domínio público – onde a linguagem os fizera descer – sentimentos e ideias aos quais ele tenta devolver, por uma multiplicidade de detalhes que se justapõem, sua primitiva e viva individualidade⁸².

O que Graciliano descreve ou expõe literariamente é o processo de amadurecimento de uma vida como a incessante transformação da rememoração em reconhecimento, isto é, do acesso ao plano do sonho e de sua canalização em atos conscientes de reconhecimento atento ou, de modo geral, de exercício da atenção, pelo qual se estrutura nosso pensamento discursivo. A infância configura assim o momento do vai e vem entre as vivências recuperadas (conjunto de imagens enevoadas) e a representação que funda análises e mesmo julgamentos sobre o mundo e o sobre si mesmo. Um momento em que a memória flui mais diretamente à mente, porque a criança ainda não ajustou “sua memória à sua conduta”, não há convergência instituída (e por isso certamente fixada, enrijecida) entre lembranças e atos, passado e ação útil⁸³. O romancista cuja potência de revelação é apontada por Bergson tem certamente muitas faces e muitas versões. Graciliano Ramos se apresenta assim como um caso magistral, na literatura brasileira, de problematização e revelação, a um só tempo, do dilema da rememoração e de seu impacto sobre a escrita de si. Cada uma de suas obras merece um exame profundo e minucioso no que diz respeito à relação entre narrativa, memória e conhecimento de si. E cada exame desses tem nos estudos de literatura um mundo de direções teóricas a ser

⁸² BERGSON, H. *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*, 2020, op. cit., p. 104.

⁸³ De certo modo, o desenvolvimento da inteligência, do bom senso e da conformação à vida social consiste no estreitamento desse acordo entre o material da memória e os atos conscientes. Com esse desenvolvimento, vem também, portanto, uma perda ou diminuição da memória, que “perde em extensão o que ganha em força de penetração” (BERGSON, H. *Matière et Mémoire*, op. cit., p. 170-171).

explorado. O caso de *Infância* entra no âmago das considerações filosóficas que expusemos acima. Em primeiro lugar, porque diz respeito à fase da história pessoal que é plena de virtualidades, ao mesmo tempo em que mais distanciadas determinações sucessivas que são encadeadas ao longo do amadurecimento – cada determinação, cabe dizer, significa de algum modo limitação, escolha, fechamentos de outras possibilidades de vida⁸⁴. Além disso, dentro da tendência contemporânea de romances brasileiros categorizados como autoficção, seria possível ler *Infância* como um texto híbrido, no qual há uma composição entre o autobiográfico e o ficcional. Esse movimento também evidenciaria uma tentativa de subversão do próprio gênero textual, uma maneira de questionar sua função social, confirmando que, para o escritor alagoano, literatura era “o seu protesto, o modo de manifestar a reação contra o mundo das normas constritoras”⁸⁵.

A interpenetração entre as paisagens apresenta-se nessa obra híbrida de maneira contundente. Se, em suas reminiscências, o menino elabora vivências em que a natureza se visualiza em imagens, a seca, tema de contundência para o escritor em muitos sentidos, encontra na lembrança narrada uma forma de expressão em que a subjetividade potencializa a sua marca. Ao evocar um ponto notável do passado que cobre, no tempo objetivo, um período longo, a qualidade da vivência põe em cena poética a devastação, no mundo e na vida, com uma concisão marcante:

Mergulhei numa comprida manhã de inverno. O açude apoiado, a roça verde, amarela e vermelha, os caminhos estreitos mudados em riachos, ficaram-me na alma. Depois veio a seca. Árvores pelaram-se, bichos morreram, o sol cresceu, bebeu as águas, e ventos mornos espalharam na terra queimada uma poeira cinzenta. Olhando-me por dentro, percebo com desgosto a segunda paisagem. Devastação, calcinação. Nesta vida lenta sinto-me coagido entre duas situações contraditórias - uma longa noite, um dia imenso e enervante, favorável à modorra. Frio e calor, trevas densas e claridades ofuscantes⁸⁶.

Passagens como essa são recorrentes na literatura de Graciliano. Contudo, no contexto das considerações aqui desenvolvidas, o que nos toca mais de perto é o trecho, algumas páginas adiante no livro, em que a descrição toma como centro não a

⁸⁴ A aproximação que arriscamos aqui, entre Graciliano e Bergson, aponta algumas contribuições para os estudos literários, para além da figuração da metafísica da memória que o escritor nos oferece. Indicamos a título de exemplo três linhas de análise da obra em que se constatam a sua potencialidade expressiva do tempo, isto é, da existência pessoal como duração: 1) como mistura de estilos narrativos (narrador autodiegético e heterodiegético); 2) como problematização da narrativa memorialística (autoficção, memória remota, confusa e marcante, combate entre o acesso às vivências e a reflexão a elas sobreposta) e 3) como entrelaçamento de modernismo, regionalismo e impressionismo.

⁸⁵ CANDIDO, A. *Ficção e confissão*, 2012, op. cit., p. 88.

⁸⁶ RAMOS, G., 2008, op. cit., p. 17.

seca, mas a sede. Num dia de falta de água, a agonia do menino, iniciada como uma dor esquisita que “o perturbou em excesso” irradia-se em aniquilação, imobilidade, suplício com “brasas na língua”. Seca e sede são entrelaçadas no mesmo tom, na vida que se inverte na direção do nada que em tudo se opõe à criação, ao movimento e também à memória:

Chorei, embalei-me nas consolações, e os minutos foram pingando, vagarosos. A boca enxuta, os beijos gretados, os olhos turvos, queimaduras interiores. Sono, preguiça – e estirei-me num colchão ardente. As pálpebras se alongavam, coriáceas, o líquido obsessivo corria nas vozes que me acalentavam, umedecia-me a pele, esvaía-se de súbito. E em redor os objetos se deformavam, trêmulos. Veio a imobilidade, veio o esquecimento. Não sei quanto durou o suplício⁸⁷.

Em *Infância*, somos introduzidos a uma conversa insólita, entre o fantasma de si e o observador de si, ambos implicados num eu inserido num mundo que o impressiona e o faz pensar. Ao desenhar essa relação, Graciliano Ramos entra nos meandros da memória, explicitando modos e meios de articulação entre o sonho e a ação, a distração e a atenção à vida, o puro passado e o presente de alguém. Trata-se de noções às quais Bergson confiou os segredos da psicologia, da ontologia e da metafísica. A infância, período em que são gestadas as sementes de uma vida pessoal, torna-se assim um momento metafisicamente significativo, o da plenitude de virtualidades, que a vida mesma, em seu esforço de atenção ao mundo natural, intersubjetivo e social, estreita e sufoca, deixando algumas frestas pelas quais um vento de outrora poderá soprar.

Referências Bibliográficas:

ARMSTRONG, N. “Character, Closure and Impressionism fiction”. *Criticism*, Detroit (Estados Unidos da América), v. 19, n. 4, p. 317-337, outono, 1977

BERGSON, H. *L'Évolution Créatrice*. Édition Critique sous la direction de F. Worms, PUF : Paris, 2007.

_____. *Matière et Mémoire. Essai sur la relation du corps à l'esprit*. Édition Critique sous la direction de F. Worms, Paris : PUF, 2008.

⁸⁷*Id.*, p. 24.

- _____. *L'Énergie Spirituelle*. Édition Critique sous la direction de F. Worms, Paris : PUF, 2009.
- _____. *O Riso. Ensaio sobre o significado do cômico*. Trad. Maria Adriana Cappello. São Paulo: EDIPRO, 2018.
- _____. *La pensée et le mouvant*. Édition Critique sous la direction de F. Worms, Paris: PUF, 2019.
- _____. *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*. Trad. Maria Adriana Cappello. São Paulo: EDIPRO, 2020.
- CANDIDO, A. *Ficção e Confissão. Ensaaios sobre Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Ouro Azul, 2012.
- DELEUZE, G. *Bergsonismo*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- FREUD, S. *L'Inconscient*. Trad. E. Legroux; C. Toutin-Thélier; M. Viltard. École Lacanienne de Psychanalyse, 1992.
- _____. *Sur le rêve*. Trad. Cornélius Heim, Paris: Gallimard, 2014.
- _____. *A interpretação dos sonhos*. Trad. Paulo César de Souza, São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- GUSDORF, G. *Auto-bio-graphie*. Paris : Odile Jacob, 1991.
- _____. *Les écritures du moi. Lignes de vie 1*, Paris : Odile Jacob. Les Classiques des Sciences Sociales, CHICOUTIMI, QUÉBEC ; <http://classiques.uqac.ca/>.
- KRONEGGER, M. *Literary Impressionism*. Estados Unidos: College & University Press, 1973.
- LEOPOLDO E SILVA, F. *Bergson. Intuição e Discurso Filosófico*. São Paulo: Loyola, 1994.
- LESSA, C. *Graciliano Ramos: o desarranjo interior e a estética da memória*. Rio de Janeiro: Gramma, 2017.
- MORAES, D. *O Velho Graça: uma biografia de Graciliano Ramos*. São Paulo: Boitempo, 2012.
- MERLEAU-PONTY, M. *Phénoménologie de la Perception*. Paris: Gallimard, 2008.
- PAIVA, R. *Subjetividade e Imagem. A literatura como horizonte da filosofia em Henri Bergson*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas/FAPESP, 2005.
- PESSOA, F. *Cancioneiro*. Nota Preliminar (*Obra poética*, 1965). São Paulo: Aguilar, 1965.
- RAMOS, G. *Infância*. Rio de Janeiro: MEDIAfashion, 2008.

RIQUIER, C. “Bergson et le problème de la personnalité : la personne dans tous ses états”. In : *Les Études philosophiques*. 2007/2 n° 81.

_____. “Bergson et l'enfance de l'art. Le rire et la logique de l'imagination”. In: RIQUIER, C. (dir.). *Bergson*. Paris : Les Éditions du Cerf, 2012

WORMS, F.L. *Introduction à Matière et Mémoire de Bergson*, Paris : PUF, 1997.

_____. *Bergson ou os dois sentidos da vida*. São Paulo: Unifesp, 2010.

Recebido em: 23/10/2020.

Aceito para publicação em: 29/11/2020.

© Débora Morato Pinto e Ana Paula Ricci de Jesus. Esse documento é distribuído nos termos da licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional (http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt_BR).